

# **Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno**

*Segurança pública na Zona Oeste do Rio de Janeiro: diagnóstico e propostas*

*(Versão Final)*

**Projeto FAPERJ nº E-26/110.644/2007**

**Leonarda Musumeci (professora, IE/UFRJ e  
pesquisadora, CESeC/Ucam)**

**Gabriel Fonseca da Silva (estatístico, CESeC/Ucam)**

**Leonardo Leão de Paris (estatístico, CESeC/Ucam)**

**Junho/2009**

## ÍNDICE

<b>Introdução.....</b>	<b>4</b>
<b>1. “Terra Sem Lei”: Um Panorama Da Violência Na Zona Oeste .....</b>	<b>5</b>
<b>2. Detalhamento Dos Indicadores De Criminalidade E Violência .....</b>	<b>9</b>
2.1. Violência Letal .....	9
2.2. Pessoas Desaparecidas .....	16
2.3. Crimes Contra O Patrimônio.....	19
2.3.1. <i>Roubos</i> .....	20
2.3.1.1. Roubo De Veículo.....	21
2.3.1.2. Roubo A Transeunte.....	24
2.3.2. <i>Furto De Veículos</i> .....	27
2.4. Presença De Milícias .....	31
<b>3. Proposta De Agenda Para A Segurança Pública Da Região .....</b>	<b>33</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>36</b>
<b>Anexo: Vozes Da Zona Oeste .....</b>	<b>38</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

<b>Figura 1 - Homicídios dolosos por circunscrições de delegacias policiais.....</b>	<b>10</b>
<b>Figura 2 - Pessoas desaparecidas, por circunscrições de delegacias policiais.....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 3 - Total de roubos registrados, por circunscrições de delegacias policiais .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 4 - Roubos a transeunte registrados, por circunscrições de delegacias policiais .</b>	<b>25</b>
<b>Figura 5 -Furtos de veículos registrados, por circunscrições de delegacias policiais .....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 6 - Número de áreas com milícias, por bairro.....</b>	<b>32</b>
<b>Gráfico 1 - Evolução das mortes violentas intencionais registradasnas delegacias da Zona Oeste .....</b>	<b>11</b>
<b>Gráfico 2 - Homicídios dolosos registrados na Zona Oeste, por dias da semana.....</b>	<b>14</b>
<b>Gráfico 3 - Homicídios dolosos registrados na Zona Oeste, por horários .....</b>	<b>15</b>
<b>Gráfico 4 - Evolução do número de desaparecimentos registrados nas delegacias da Zona Oeste .....</b>	<b>17</b>
<b>Gráfico 5 - Perfil de gênero e etário das vítimas de homicídio doloso e das pessoas desaparecidas na Zona Oeste .....</b>	<b>19</b>
<b>Gráfico 6 - Evolução do total de roubos registrados nas delegacias da Zona Oeste,.....</b>	<b>21</b>
<b>Gráfico 7 - Evolução dos roubos de veículos registrados nas delegacias da Zona Oeste, .....</b>	<b>21</b>
<b>Gráfico 8 - Roubos de veículos registrados na Zona Oeste, por dias da semana.....</b>	<b>23</b>
<b>Gráfico 9- Roubos de veículos registrados na Zona Oeste, por horários .....</b>	<b>24</b>

<b>Gráfico 10 - Evolução dos roubos a transeunte registrados nas delegacias da <i>Zona Oeste</i></b> .....	<b>25</b>
<b>Gráfico 11 - Roubos a transeunte registrados na <i>Zona Oeste</i>, por dias da semana</b> .....	<b>27</b>
<b>Gráfico 12 -Roubos a transeunte registrados na <i>Zona Oeste</i>, por horários</b> .....	<b>27</b>
<b>Gráfico 13 - Evolução dos furtos de veículos registrados nas delegacias da <i>Zona Oeste</i>.</b>	<b>28</b>
<b>Gráfico 14 - Furtos de veículos registrados na <i>Zona Oeste</i>, por dias da semana</b> .....	<b>30</b>
<b>Gráfico 15 - Furtos de veículos registrados na <i>Zona Oeste</i>, por horários</b> .....	<b>31</b>
<b>Tabela 1 - Mortes violentas intencionais registradas nas delegacias da <i>Zona Oeste</i>, .....</b>	<b>10</b>
<b>Tabela 2 - Taxas de homicídios dolosos e de mortes violentas intencionais registradas nas delegacias da <i>Zona Oeste</i>,</b> .....	<b>11</b>
<b>Tabela 3 - Evolução das mortes violentas intencionais registradas nas delegacias</b> .....	<b>12</b>
<b>Tabela 4 - Homicídios dolosos registrados na <i>Zona Oeste</i>, por bairros</b> .....	<b>13</b>
<b>Tabela 5 - Os 15 logradouros da <i>Zona Oeste</i> com mais homicídios dolosos</b> .....	<b>14</b>
<b>Tabela 6 - Indicadores de letalidade da ação policial nas delegacias</b> .....	<b>16</b>
<b>Tabela 7 - Desaparecimentos registrados nas delegacias</b> .....	<b>16</b>
<b>Tabela 8 - Desaparecimentos registrados na <i>Zona Oeste</i>, por bairros</b> .....	<b>18</b>
<b>Tabela 9 - Roubos registrados nas delegacias da <i>Zona Oeste</i>, no MRJ e no ERJ, por tipos</b> .....	<b>20</b>
<b>Tabela 10 - Roubos de veículos registrados na <i>Zona Oeste</i>, por bairros</b> .....	<b>22</b>
<b>Tabela 11 - Os 15 logradouros da <i>Zona Oeste</i> com mais registros de roubo de veículo ..</b>	<b>23</b>
<b>Tabela 12 - Roubos a transeunte registrados na <i>Zona Oeste</i>, por bairros</b> .....	<b>26</b>
<b>Tabela 13 - Os 15 logradouros da <i>Zona Oeste</i> com mais registros de roubo a transeunte</b> .....	<b>26</b>
<b>Tabela 14 - Relação roubos/furtos de veículos na <i>Zona Oeste</i></b> .....	<b>28</b>
<b>Tabela 15 - Furtos de veículo registrados na <i>Zona Oeste</i>, por bairros</b> .....	<b>29</b>
<b>Tabela 16 - Os 15 logradouros da <i>Zona Oeste</i> com mais registros de furto de veículo....</b>	<b>30</b>
<b>Tabela 17 - Número de áreas com milícias, por bairro</b> .....	<b>32</b>
<b>Tabela 18 - Denúncias contra milícias feitas ao Disque-Denúncia, por bairro</b> .....	<b>33</b>

# Segurança pública na Zona Oeste do Rio de Janeiro: diagnóstico e propostas

Leonarda Musumeci \*

## Introdução

A necessidade de um diagnóstico específico da segurança pública no âmbito do Projeto “Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno” impôs-se a partir da análise de levantamento anterior junto a empresários e usuários do setor comercial, que apontava esse problema como um dos grandes obstáculos ao desenvolvimento sócio-econômico e à melhoria da qualidade de vida na região.<sup>1</sup> Posteriormente, o questionário distribuído pelo próprio Projeto a empresas de diversos setores confirmou a importância do tema e reforçou a demanda por um estudo mais detalhado a respeito da criminalidade e da violência nas quatro regiões administrativas selecionadas.<sup>2</sup>

A pesquisa cujos resultados se apresentam aqui combinou o levantamento de dados quantitativos e informações qualitativas. Utilizou, no primeiro caso, estatísticas gerais do Instituto de Segurança Pública, baseadas nos registros de ocorrência da Polícia Civil e divulgadas mensalmente pela internet, bem como microdados relativos às quatro delegacias da *Zona Oeste*, cedidos pelo mesmo Instituto especialmente para a realização do projeto. A fim de dimensionar, mesmo que de forma aproximativa, a presença de milícias nos bairros da região, recorreu ainda a dados apresentados nas conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembléia Legislativa estadual que investigou a atuação desses grupos no Rio de Janeiro, e também a um estudo realizado pela ONG Justiça Global em 2008. Por sua vez, as informações qualitativas sobre percepções e experiências referentes à segurança pública na *Zona Oeste* foram obtidas em entrevistas e grupos de discussão com lideranças locais, realizados nas sedes das associações comerciais de Realengo, Bangu e Campo Grande, e nos distritos industriais de Campo Grande e Santa Cruz.

A primeira seção a seguir apresenta uma síntese dos principais resultados da pesquisa, com destaque para alguns indicadores quantitativos que evidenciam a gravidade do quadro de criminalidade e violência na *Zona Oeste*, e para as causas ou elementos favorecedores dessa situação que foram apontados de forma recorrente nas entrevistas qualitativas.

---

\* Professora do Instituto de Economia da UFRJ e pesquisadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes (CESeC/Ucam). Este trabalho teve a participação dos dois estatísticos do CESeC, Gabriel Fonseca da Silva e Leonardo Leão de Paris.

<sup>1</sup> Mapeamento das atividades comerciais realizado pelo Instituto Fecomércio-RJ (Ifec) entre outubro de 2001 e outubro de 2003. Ver análise em *Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno: diagnóstico sócio econômico do local (versão final)*. Rio de Janeiro, Instituto de Economia da UFRJ, março de 2009.

<sup>2</sup> Seguindo a definição adotada no diagnóstico socioeconômico geral e nos demais estudos setoriais do projeto, considerou-se aqui como *Zona Oeste* apenas a área das regiões administrativas e delegacias policiais de Realengo, Bangu, Campo Grande e Santa Cruz. Para diferenciá-la do traçado oficial da Zona Oeste do Rio de Janeiro, que inclui também as regiões de Guaratiba, Jacarepaguá e Barra da Tijuca, seu nome, doravante, será sempre grafado em itálico.

A segunda análise de forma mais detalhada as estatísticas de segurança pública da região nos últimos anos, relativas a mortes violentas intencionais, desaparecimento de pessoas, letalidade policial, total de roubos, roubos e furtos de veículos, roubos a transeunte e presença de milícias.

Na terceira parte é apresentada uma proposta de agenda para o enfrentamento dos problemas de segurança na *Zona Oeste*.

Em anexo, encontra-se um resumo das entrevistas e grupos de discussão, seguido de uma seleção de frases e trechos de entrevistas que ilustram de forma eloquente as percepções locais sobre violência e outros problemas da região.

### **1. “Terra sem lei”: um panorama da violência na *Zona Oeste***

Nas entrevistas qualitativas feitas na *Zona Oeste*, a falta de segurança apareceu como um dos principais problemas da região, junto ou logo atrás de logística, transporte público e educação/capacitação. As lideranças ouvidas nas quatro RAs enfatizaram quase sempre os assassinatos e os assaltos a pedestres e a motoristas como indicadores mais evidentes da insegurança na área, o que é confirmado pelas estatísticas do ISP.

Forte presença de milícias, interferindo na atividade econômica; ausência de policiamento ostensivo; corrupção policial; falta de regulação pública do uso do solo e das atividades de comércio e serviços; informalidade generalizada; proliferação de favelas e carência de serviços urbanos como pavimentação das ruas e iluminação pública foram os elementos mais enfatizados nas entrevistas para definir o ambiente favorecedor da violência na região.

De forma mais detalhada, apontaram-se como causas ou elementos que contribuem para a situação de insegurança:

- multiplicação de favelas, sem infraestrutura, sem presença do poder público, que se tornam presas fáceis de grupos criminosos armados;
- o próprio crescimento econômico da região, que atrai muitas pessoas sem recursos e com baixa qualificação, não absorvidas pelo mercado de trabalho local;
- falta absoluta de policiamento ostensivo, por grave insuficiência de efetivo nos batalhões da PM da região (foi lembrado que o de Campo Grande também presta serviços de policiamento montado a outras partes da cidade);
- altos níveis de corrupção policial; promiscuidade entre polícia e milícias, entre polícia e crime;
- carência aguda de transporte coletivo público, abrindo espaço para a proliferação do alternativo (ônibus piratas, kombis, vans, mototaxis), inicialmente como atividade informal, hoje como principal fonte de lucro de grupos criminosos armados;
- ampla informalidade no setor de pequenas e microempresas de comércio e serviços, favorecendo a captura de várias atividades por traficantes e milicianos, como no caso da venda de botijões de gás e da segurança privada;

- convivência social com a ilegalidade e a informalidade, manifesta, por exemplo, no uso de “gatonet” pela classe média, que poderia pagar o serviço legalizado, e no amplo emprego de vigilantes privados informais por condomínios e estabelecimentos comerciais.
- degradação das instituições locais pela generalização da informalidade e das ilegalidades;
- falta de regulação da ocupação e do uso do solo, possibilitando não só a multiplicação de comunidades residenciais irregulares, desassistidas, exploradas por grupos criminosos, como o surgimento de inúmeras fontes de conflitos oriundas, por exemplo, da presença de oficinas mecânicas em áreas de moradia, ou de grandes casas de show nos centros comerciais;
- atuação de políticos no incentivo às invasões e grilagens, com o propósito de criar currais eleitorais;
- graves deficiências de iluminação pública e calçamento/asfaltamento das ruas, que facilitam a prática de assaltos;
- prisão dos bicheiros no início dos anos 1990, que teria aberto espaço para a ascensão dos traficantes de drogas e das milícias na região;
- acirramento dos conflitos entre milícias após a prisão de importantes chefes de uma das facções, em meados de 2008;
- impossibilidade de combate às milícias com os policiais que trabalham na *Zona Oeste*, na maioria moradores da região;
- política de confronto e de projetos pontuais de policiamento comunitário do atual governo, que estaria gerando “vazamento” de bandidos para outras áreas e deslocamento das atividades criminosas do tráfico de drogas para os assaltos.

Os indicadores de criminalidade e violência construídos a partir dos dados do ISP também traçam um mapa dramático da situação de insegurança vivida na região. Segue, abaixo, uma síntese dos principais resultados quantitativos da pesquisa, cuja análise será desenvolvida mais minuciosamente na próxima seção.

## **Homicídios**

- Em 2008, a taxa de homicídios dolosos da *Zona Oeste* foi de 44,5 vítimas por cem mil habitantes, 28% mais alta que a do conjunto do MRJ; na RA de Santa Cruz a taxa foi de 62,2 por cem mil, 79% maior que a média municipal.
- Considerando-se o conjunto de mortes violentas intencionais (homicídio doloso, roubo seguido de morte, lesão corporal seguida de morte e civis mortos em confronto com a polícia), no mesmo ano de 2008, a taxa da *Zona Oeste* sobe para 52,5, contra 48,4 no município como um todo, sendo que em Santa Cruz, chega a 70,7 vítimas por cem mil habitantes e em Realengo, a 67,8.
- Desde 2006 tem havido decréscimo do número absoluto de homicídios dolosos na região, especialmente em Campo Grande, e no município como um todo. Entretanto, notícia do jornal O Globo publicada em 1/5/2009, com base em dados do ISP ainda não divulgados na internet, dá conta de um aumento de 22% dos assassinatos em

Campo Grande no primeiro trimestre de 2009, em comparação com o mesmo período de 2008, aumento atribuído ao recente acirramento dos conflitos entre facções de milícias na região.

- Oito dos 17 bairros da *Zona Oeste* concentraram 85% dos homicídios dolosos registrados de janeiro de 2004 a julho de 2008 (período coberto pelos microdados do ISP cedidos para o presente projeto), sendo que os 4 bairros principais concentraram 68%, seguidos de Paciência, Padre Miguel, Santíssimo e Senador Camará.
- Nesse período, registraram-se homicídios dolosos em 885 diferentes ruas ou logradouros da *Zona Oeste*. As maiores frequências foram na Avenida Brasil e na Avenida Cesário de Melo.
- 92% das vítimas de homicídios dolosos, no mesmo período, eram do sexo masculino e 80% tinham de 15 a 39 anos de idade.

### **Letalidade policial**

Segundo dados do ISP, 704 civis morreram em confronto com a polícia na região entre 2003 e 2008 – uma média de 88 por ano ou mais de 7 por mês. A *Zona Oeste* registra uma relação de 50 civis mortos para cada policial morto em serviço, o dobro da verificada no conjunto do município e 63% a mais que no estado como um todo durante o mesmo período.

### **Pessoas desaparecidas**

De 2004 a 2008, as circunscrições (ou RAs) de Campo Grande e Santa Cruz foram as que registraram maiores números de desaparecimentos de pessoas em todo o município: acima de 600 casos, mais de 120, em média, por ano, ou mais de 10, em média, por mês. Não se conhece a proporção, mas infere-se que uma parte desses desaparecimentos corresponde a homicídios em que não há localização do corpo (o ISP está desenvolvendo uma pesquisa para conhecer melhor o fenômeno, que é crescente no estado nos últimos anos).

### **Roubos**

O total de roubos (assaltos) registrados aumentou entre 2000 e 2008 na região, acompanhando o crescimento havido no município e no estado como um todo. Na RA de Bangu, porém, o aumento dos assaltos foi bem superior à média. As modalidades mais numerosas de registros na *Zona Oeste* foram roubo de veículos e roubo a transeunte.

### **Roubo de veículo**

- Durante o período de 55 meses, ou 1.674 dias, abrangido pelos microdados do ISP (1º de janeiro de 2004 a 31 de julho de 2008), houve uma média de 278 roubos de veículos por mês, ou nove por dia, na região. Cerca de 68% desses roubos ocorreram nos bairros de Bangu, Realengo e Campo Grande e 90% em oito dos 17 bairros da *Zona Oeste*, praticamente os mesmos que concentraram a maior proporção de homicídios dolosos: além dos três já mencionados, Padre Miguel, Santa Cruz, Senador Camará, Deodoro e Santíssimo.
- Nesse mesmo período, houve roubos de veículos em 1.383 logradouros da região, mas  $\frac{3}{4}$  deles ocorreram em apenas 172 ruas, sendo a Avenida Brasil, a Avenida de Santa Cruz, a Estrada de Água Branca e a Avenida Cesário de Melo as que registraram maiores incidências desse tipo de crime.

- Cerca de 56% dos roubos de veículo se concentram no período de 19 às 24 horas, sendo o pico das ocorrências entre 20 e 21 horas. Pode-se dizer que, todos os dias, entre as 19 e as 24 horas, ocorrem em média cinco roubos de veículos na *Zona Oeste*; mais dois entre uma hora da manhã e meio-dia, e outros dois das 13 às 18 hs. O número de casos é alto em todos os dias da semana, mas um pouco mais numeroso às sextas-feiras e um pouco menos numeroso aos domingos e segundas-feiras.
- As vítimas notificadas desse tipo de roubo eram majoritariamente (71%) do sexo masculino; metade do total estava na faixa etária entre 30 e 49 anos, 28% na faixa até 29 anos e 22% tinham 50 anos ou mais de idade.

### **Roubo a transeunte**

- Essa modalidade de crimes contra o patrimônio foi a que mais cresceu na região, no estado e no município entre 2000 e 2008, especialmente a partir de 2004, chegando a 2008 com números de registros 225 a 300% maiores que em 2000. Na RA de Bangu, o aumento dos roubos a transeunte de 2000 a 2008 foi de aproximadamente 450%.
- Os quatro bairros principais e mais populosos da região foram os que registraram maiores números de roubos a transeunte no período abrangido pelos microdados do ISP, seguidos de Padre Miguel, Senador Camará, Jardim Sulacap e Magalhães Bastos. No total, esses oito bairros responderam por mais de 90% dos casos registrados na *Zona Oeste* ao longo do referido período.
- O padrão de distribuição dos roubos a transeunte pelas ruas da *Zona Oeste* é um pouco mais concentrado que o de roubo de veículos: embora se tenha registrado pelo menos um roubo a transeunte em 1.245 ruas da região, 3/4 dos registros se referem a 117 ruas (9,4% do total). Novamente, as grandes vias encabeçam o ranking, mas desta vez com a Avenida de Santa Cruz em primeiro lugar, seguida das Avenidas Brasil e Cesário de Melo.
- Segunda-feira foi o dia da semana com maior número de ocorrências e domingo, o dia de menor número. Dentro das 239 semanas abrangidas pelos microdados do ISP, a média diária girou em torno de 13 ocorrências às segundas-feiras, em torno de 9 aos sábados e domingos, e em torno de 11 nos outros dias da semana. Tal como a de roubos de veículos, a frequência mais alta de roubos a transeunte (cerca de 42%) ocorre no período de 19 às 24 horas, com pico no intervalo 20-21 horas.
- Neste caso, as vítimas notificadas são majoritariamente jovens: no período abrangido pelos microdados do ISP, 54% tinham até 29 anos de idade; 36% estavam na faixa etária de 30 a 49 anos e 10%, na de 50 anos ou mais.

### **Presença de milícias**

A CPI da Alerj que investigou a ação das milícias, concluída em novembro de 2008, identificou no Município do Rio de Janeiro 128 áreas dominadas por esses grupos criminosos, em 48 bairros. De acordo com a CPI, os bairros da cidade com maiores números de locais nessa condição ficam na *Zona Oeste*: Campo Grande (16 áreas), Santa Cruz (15) e Realengo (10). Embora com quantidades menores, três outros bairros da região também figuram na lista: Bangu (3 áreas dominadas), Inhoaíba (2) e Sepetiba (1). (Cf. Alerj, 2008).

Em levantamento feito junto ao Disque-Denúncia, referente ao período de janeiro de 2006 a abril de 2008, foi identificado um total de 2.219 denúncias contra milicianos na cidade do Rio, sendo mais de ¼ (28%) delas provenientes de bairros da *Zona Oeste*: Campo Grande (campeão municipal de denúncias, com 258), Santa Cruz (169), Realengo (113), Paciência (107), Sepetiba (63), Inhoaíba (57) e Cosmos (45). Tais denúncias referiam-se, majoritariamente, a extorsões, desvio de conduta (presume-se que de policiais), posse ilícita de armas de fogo, homicídio consumado, ameaças, tráfico de drogas, e rádio, tevê ou telefonia clandestina (Cf. Cano, 2008).

Nas entrevistas com lideranças da *Zona Oeste* ficou claro que, embora as milícias possam ter sido de início percebidas como fator positivo para a segurança, ou como “mal menor”, face à ausência do poder público nas áreas carentes, hoje prevalece o entendimento de que se trata de grupos criminosos, cujo principal objetivo não é a “autodefesa comunitária”, mas o lucro, por meio da exploração ilegal do comércio e dos serviços destinados às camadas populares. Também há a percepção de que tais grupos possuem projeto político, empenhando-se na criação e manutenção de “currais” eleitorais, e na eleição de chefes ou aliados para cargos legislativos do estado e do município. Em suma, tudo indica que as milícias não são mais pensadas como possível solução, mas sim como obstáculo – e dos mais sérios – à melhoria da segurança pública e ao desenvolvimento sócio-econômico da *Zona Oeste*.

## **2. Detalhamento dos indicadores de criminalidade e violência**

### ***2.1 – Violência letal***

Entre 2000 e 2008, cerca de 7.600 pessoas morreram assassinadas anualmente, em média, no estado do Rio de Janeiro (tabela 1) – se considerarmos como assassinatos (ou mortes violentas intencionais) a soma de homicídios dolosos, lesões corporais seguidas de morte, latrocínios (roubos seguidos de morte) e autos de resistência (civis mortos em confronto com a polícia). No município, a média foi de mais de 3.200 vítimas por ano e na *Zona Oeste*,<sup>3</sup> de 962.

---

<sup>3</sup> Como já dito, a *Zona Oeste*, grafada em itálicos, abrange somente as regiões administrativas e delegacias policiais de Realengo, Bangu, Campo Grande e Santa Cruz, de acordo com a definição adotada para o diagnóstico geral e os estudos setoriais do “Projeto Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno”.

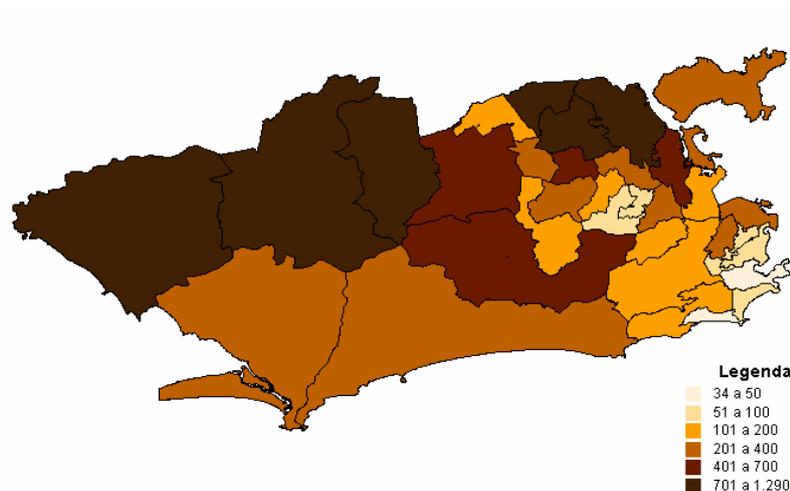
**Tabela 1 - Mortes violentas intencionais registradas nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ – 2000 a 2008**

	Homicídios dolosos	Lesões seguidas de morte	Latrocínios	Autos de resistência	Mortes violentas intencionais	% MRJ	% ERJ
33ª DP – Realengo	1.094	5	33	128	<b>1.260</b>	4,3	1,8
34ª DP – Bangu	1.939	23	47	409	<b>2.418</b>	8,3	3,5
35ª DP - Campo Grande	2.548	23	59	131	<b>2.761</b>	9,4	4,0
36ª DP - Santa Cruz	1.958	11	21	227	<b>2.217</b>	7,6	3,2
<b>Zona Oeste</b>	<b>7.539</b>	<b>62</b>	<b>160</b>	<b>895</b>	<b>8.656</b>	<b>29,5</b>	<b>12,7</b>
<b>MRJ</b>	<b>22.395</b>	<b>274</b>	<b>908</b>	<b>5.718</b>	<b>29.295</b>	<b>100,0</b>	<b>42,9</b>
<b>ERJ</b>	<b>57.190</b>	<b>525</b>	<b>1.847</b>	<b>8.725</b>	<b>68.287</b>	-	<b>100,0</b>

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ.

Junto com a parte da Zona Norte que vai do Complexo do Alemão à Pavuna, a *Zona Oeste* tem figurado sistematicamente como área de maior ocorrência de homicídios dolosos na cidade, conforme se visualiza no mapa abaixo, referente aos últimos cinco anos.<sup>4</sup>

**Figura 1 - Homicídios dolosos por circunscrições de delegacias policiais Município do Rio de Janeiro – 2004 a 2008 (números absolutos)**



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

Na *Zona Oeste*, as taxas por cem mil habitantes, tanto de homicídios dolosos quanto do total de mortes violentas intencionais, são significativamente superiores à estadual e à municipal, como mostra a tabela 2, referente ao ano de 2008. Note-se, em particular, o caso da DP de Santa Cruz, cuja taxa de homicídio naquele ano foi quase 80% maior que a registrada na média do município.

<sup>4</sup> No Relatório de Desenvolvimento Humano Local do Município do Rio de Janeiro, publicado em 2001 com dados até 1999, a Zona Oeste (*lato sensu*) já aparecia como a região da cidade com maiores taxas de homicídio por cem mil habitantes (cf. Musumeci, 2001).

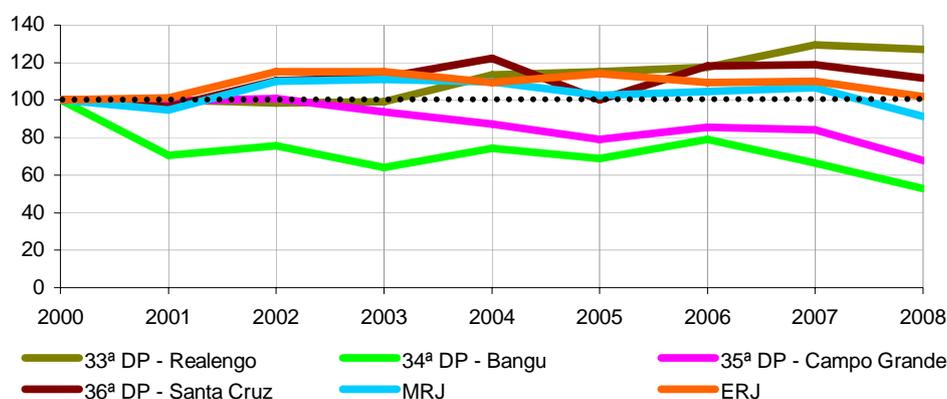
**Tabela 2 - Taxas de homicídios dolosos e de mortes violentas intencionais registradas nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ, por 100 mil habitantes – 2008**

	Homicídios dolosos	Mortes violentas intencionais
33ª DP – Realengo	48,7	67,8
34ª DP – Bangu	35,5	44,3
35ª DP - Campo Grande	38,9	41,2
36ª DP - Santa Cruz	62,2	70,7
<b>Zona Oeste</b>	<b>44,5</b>	<b>52,5</b>
<b>MRJ</b>	<b>34,8</b>	<b>48,4</b>
<b>ERJ</b>	<b>36,0</b>	<b>44,9</b>

Fontes: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil; IPP e IBGE (estimativas populacionais para 2008) **Elaboração:** IE/UFRJ.

Tal como no ERJ e no MRJ, houve uma tendência de queda das mortes violentas intencionais nas circunscrições da *Zona Oeste* desde 2006, exceção feita à área de Realengo, onde o número de vítimas cresceu nesse período. Campo Grande e Bangu chegaram a apresentar evolução bem mais favorável que a média estadual e municipal até o fim de 2008 (gráfico 1 e tabela 3), mas é possível que esse diferencial esteja sendo revertido em 2009 com o acirramento das disputas entre facções do tráfico e de milícias na região.<sup>5</sup>

**Gráfico 1 - Evolução das mortes violentas intencionais\* registradas nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ 2000 a 2008 – Número-índice: 2000=100**



(\*) Homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e auto de resistência

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil

Elaboração: IE/UFRJ

<sup>5</sup> Segundo noticiou o jornal O Globo (1/5/2009), os homicídios dolosos na 39ª Área Integrada de Segurança Pública, que inclui as delegacias de Campo Grande e Guaratiba, cresceram 22% no primeiro trimestre de 2009 em relação ao mesmo período de 2008. A afirmativa se baseia em dados do ISP ainda não divulgados no Diário Oficial.

**Tabela 3 - Evolução das mortes violentas intencionais registradas nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ – 2000 a 2008 (números absolutos)**

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
33ª DP – Realengo	126	126	124	125	143	145	148	163	160
34ª DP – Bangu	371	262	280	238	276	255	293	247	196
35ª DP - Campo Grande	346	344	349	324	302	274	296	291	235
36ª DP - Santa Cruz	224	216	247	251	274	224	265	266	250
<b>Zona Oeste</b>	<b>1.067</b>	<b>948</b>	<b>1000</b>	<b>938</b>	<b>995</b>	<b>898</b>	<b>1002</b>	<b>967</b>	<b>841</b>
<b>MRJ</b>	<b>3.147</b>	<b>2.984</b>	<b>3.465</b>	<b>3.495</b>	<b>3.456</b>	<b>3.231</b>	<b>3.286</b>	<b>3.354</b>	<b>2.877</b>
<b>ERJ</b>	<b>6.993</b>	<b>7.083</b>	<b>8.043</b>	<b>8.054</b>	<b>7.645</b>	<b>7.987</b>	<b>7.649</b>	<b>7.699</b>	<b>7.134</b>

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

De janeiro de 2004 a julho de 2008 – período para o qual o Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro disponibilizou microdados criminais sobre a *Zona Oeste* – 92% das vítimas de homicídios dolosos ocorridos na região eram do sexo masculino e quase 80% tinham de 15 a 39 anos de idade (ver gráfico 5, adiante). Tal como em outras áreas, aqui também, portanto, a vitimização letal atinge sobretudo homens jovens. Sabe-se, além disso, que as vítimas de homicídio no Brasil são majoritariamente pobres, negras e de baixa escolaridade,<sup>6</sup> e é muito provável que esse perfil também predomine na *Zona Oeste*. Todavia, não há como confirmá-lo estatisticamente com as informações do banco de dados do ISP, em função das lacunas nos campos relativos a raça/cor, escolaridade e profissão.<sup>7</sup> Tampouco se pode esboçar o perfil dos autores de homicídios, devido à baixíssima taxa de esclarecimento dos crimes pela polícia e à consequente ausência de dados sobre autoria na maior parte dos casos.

Examinando a distribuição espacial dos homicídios dolosos no interior da *Zona Oeste*, no mesmo período, verifica-se uma significativa concentração desse tipo de crime nos quatro bairros principais da região, responsáveis por 68% do total de vítimas naquele período (tabela 4). Embora com participações individuais bem menores, os bairros de Paciência, Padre Miguel, Santíssimo e Senador Camará responderam, juntos, por outra parcela expressiva (16,4%). No total, portanto, oito dos 17 bairros da *Zona Oeste* concentraram quase 85% dos homicídios dolosos registrados pela polícia nessa região durante o período considerado.

<sup>6</sup> Cf., por exemplo, Cano e Santos (2001); Pnud (2005).

<sup>7</sup> Análises mais detalhadas do perfil das vítimas de homicídios são feitas geralmente a partir das informações do Datasus; no caso dos bairros da região aqui em foco, seriam necessários microdados da Secretaria Municipal de Saúde.

**Tabela 4 - Homicídios dolosos registrados na Zona Oeste, por bairros**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008

<b>Bairro</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Campo Grande	820	22,9
Santa Cruz	651	18,1
Bangu	558	15,6
Realengo	417	11,5
Paciência	208	5,8
Padre Miguel	137	3,8
Santíssimo	123	3,4
Senador Camará	122	3,4
Sepetiba	90	2,5
Inhoaíba	72	2,0
Magalhães Bastos	63	2,0
Cosmos	69	1,9
Jardim Sulacap	56	1,6
Deodoro	41	1,0
Senador Vasconcelos	28	0,8
Vila Militar	1	0,0
Não informado	131	3,7
<b>Zona Oeste</b>	<b>3.587</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

Quando se focaliza a distribuição por ruas ou logradouros, observa-se também uma concentração bastante elevada: de janeiro de 2004 a julho de 2008, 1/3 dos homicídios dolosos foi registrado em 48 ruas, as quais representavam apenas 5,3% do total de 885 logradouros da região com pelo menos um registro de homicídio naquele período; metade dos homicídios dolosos foi registrada em 113 ruas (13% do total) e 3/4 deles, em 328 ruas (37,3% do total). A tabela 5 mostra as 15 vias da *Zona Oeste* onde ocorreram mais homicídios, lideradas pela Avenida Brasil e pela Avenida Cesário de Melo.

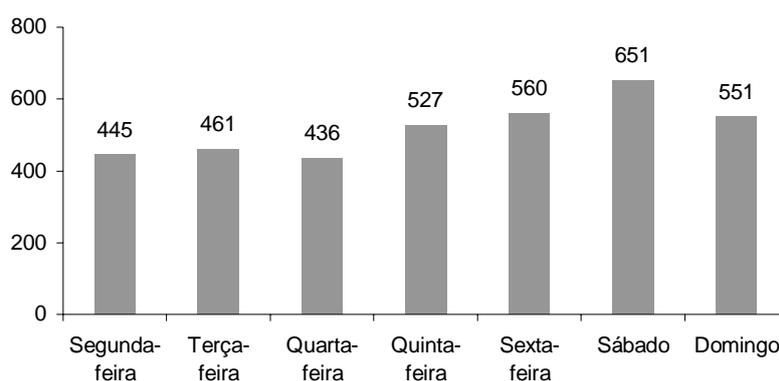
**Tabela 5 - Os 15 logradouros da Zona Oeste com mais homicídios dolosos**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008

<b>Logradouro</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Avenida Brasil	83	3,0
Avenida Cesário de Melo	76	2,8
Estrada do Furado	46	1,7
Estrada Urucânia	31	1,1
Avenida de Santa Cruz	30	1,1
Avenida Manuel Caldeira de Alvarenga	30	1,1
Estrada do Viegas	29	1,1
Estrada Sete Riachos	26	1,0
Rua do Prado	23	0,8
Avenida Carlos Pontes	22	0,8
Estrada Emílio Maurell Filho	21	0,8
Rua Coronel Tamarindo	21	0,8
Estrada da Paciência	20	0,7
Estrada Aterrado do Leme	17	0,6
Estrada do Campinho	16	0,6
<b>Total dos 15 logradouros</b>	<b>491</b>	<b>18,0</b>
<b>Total com informação de logradouro</b>	<b>2.694</b>	<b>100,0</b>
<b>Sem informação</b>	<b>893</b>	<b>-</b>
<b>Total</b>	<b>3.587</b>	<b>-</b>

**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

No período focalizado, o maior número de homicídios dolosos ocorreu aos sábados, mas a incidência também foi alta nos outros dias da semana (gráfico 2). Considerando que esse período teve 239 semanas, chega-se a uma média diária de quase três casos nos sábados e em torno de dois casos nos outros dias.

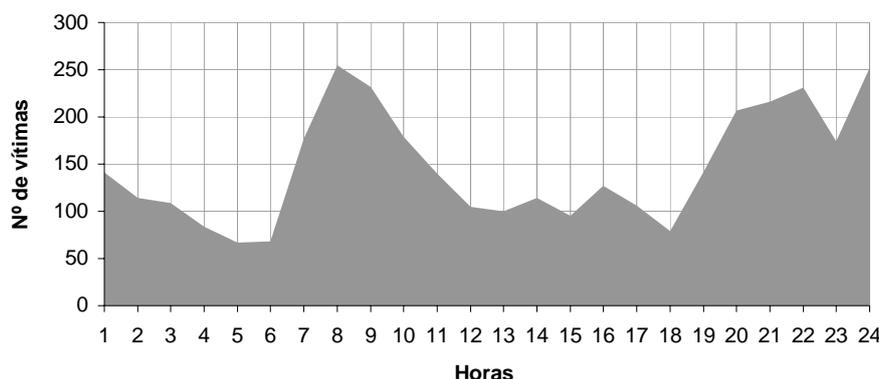
**Gráfico 2 - Homicídios dolosos registrados na Zona Oeste, por dias da semana**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008 (números absolutos)



**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

No mesmo período, os homicídios ocorreram com mais frequência em dois momentos do dia: entre 7 e 11 horas da manhã, e entre 19 horas e meia-noite. Mesmo nos horários “menos violentos”, porém, registraram-se números consideráveis de casos, como mostra o gráfico 3.

**Gráfico 3 - Homicídios dolosos registrados na Zona Oeste, por horários**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008 (números absolutos)



**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

Outra característica alarmante da violência na *Zona Oeste* são os elevadíssimos indicadores de letalidade da ação policial, mesmo se comparados aos índices notoriamente altos do conjunto do município e do estado (tabela 6). Além de contabilizar 704 mortes de civis em confronto com a polícia entre 2003 e 2008 – uma média de 88 por ano ou mais de 7 por mês – a *Zona Oeste* registra uma razão de 50 civis mortos para cada policial morto em serviço, o dobro da verificada no município e 63% a mais que no estado como um todo durante o mesmo período.<sup>8</sup> Evidentemente, não se pode menosprezar o fato de que o número de policiais assassinados no Rio de Janeiro também é altíssimo, mas a grande maioria, como se sabe, é vitimada nos períodos de folga.<sup>9</sup> As proporções entre autos de resistência e policiais mortos em serviço questionam, assim, a imagem de “confronto” ou de “guerra” propalada pela retórica oficial, pois, em situação efetiva de guerra, dever-se-ia esperar uma proporção menos desequilibrada de baixas de ambas as partes. O que os indicadores da *Zona Oeste* parecem refletir, na verdade, é o extremo de um descontrolado excesso de uso de força letal pela polícia do Rio de Janeiro, favorecido pelas políticas de segurança em vigor nos últimos anos, e que se exerce preferencialmente nas favelas e áreas periféricas da região metropolitana.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> O número de policiais e civis mortos em serviço só passou a ser divulgado no Diário Oficial em 2003.

<sup>9</sup> Segundo dados do ISP, dos 1.034 policiais militares mortos entre 2000 e 2006, 79% faleceram no período de folga e, dos 116 policiais civis mortos entre 1998 e 2004, 73% morreram na folga (cf. [http://www.ucamcesec.com.br/est\\_seg\\_evol.php](http://www.ucamcesec.com.br/est_seg_evol.php)). Para anos mais recentes, o ISP só tem divulgado no Diário Oficial informações sobre mortes em serviço.

<sup>10</sup> Ver, a esse respeito, os trabalhos de Ignacio Cano (1997; 2004)

**Tabela 6 - Indicadores de letalidade da ação policial nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ – 2003 a 2008**

	Civis mortos pela polícia	Policiais mortos em serviço			Relação civis/policiais mortos
		Militares	Civis	Total	
34ª DP – Bangu	316	3	4	7	45
35ª DP - Campo Grande	96	4	0	4	24
33ª DP – Realengo	104	1	1	2	52
36ª DP - Santa Cruz	188	1	0	1	188
<b>Zona Oeste</b>	<b>704</b>	<b>9</b>	<b>5</b>	<b>14</b>	<b>50</b>
<b>MRJ</b>	<b>4.444</b>	<b>153</b>	<b>24</b>	<b>177</b>	<b>25</b>
<b>ERJ</b>	<b>6.806</b>	<b>189</b>	<b>31</b>	<b>220</b>	<b>31</b>

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

## 2.2 – Pessoas desaparecidas

Ao lado do alto número de mortes violentas intencionais, registraram-se entre 2003 e 2008, na *Zona Oeste*, 2.880 casos de pessoas desaparecidas, cerca de 1/4 do total verificado no MRJ durante o mesmo período (tabela 7).<sup>11</sup>

**Tabela 7 - Desaparecimentos registrados nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ – 2003 a 2008**

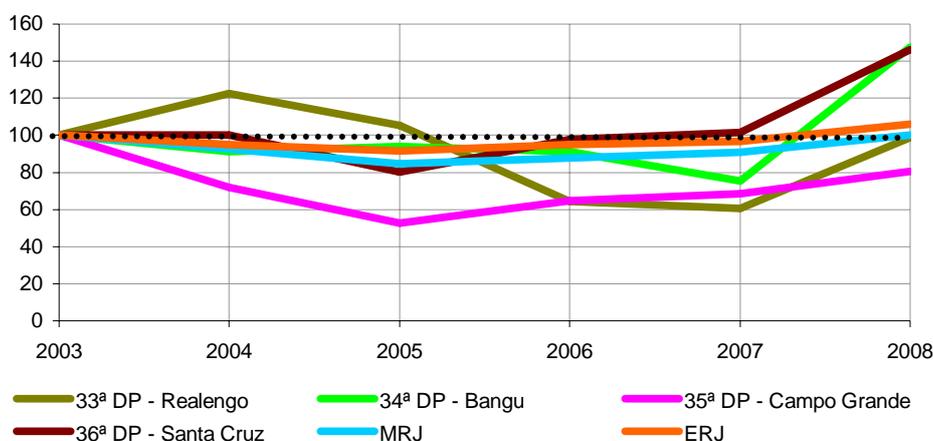
	Nº de pessoas desaparecidas	% MRJ	% ERJ
33ª DP – Realengo	419	3,7	1,5
34ª DP – Bangu	605	5,3	2,2
35ª DP - Campo Grande	1.030	9,1	3,7
36ª DP - Santa Cruz	826	7,3	2,9
<b>Zona Oeste</b>	<b>2.880</b>	<b>25,3</b>	<b>10,3</b>
<b>MRJ</b>	<b>11.365</b>	<b>100,0</b>	<b>40,5</b>
<b>ERJ</b>	<b>28.046</b>	<b>-</b>	<b>100,0</b>

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

A evolução desse tipo de registro na região em foco, no município e no estado como um todo, mostra, de modo geral, um crescimento a partir de 2006, após alguns anos de estabilização ou queda, e, nas delegacias da *Zona Oeste*, uma subida especialmente acentuada entre 2007 e 2008 (gráfico 4).

<sup>11</sup> A informação só passou a ser divulgada no Diário Oficial em 2003.

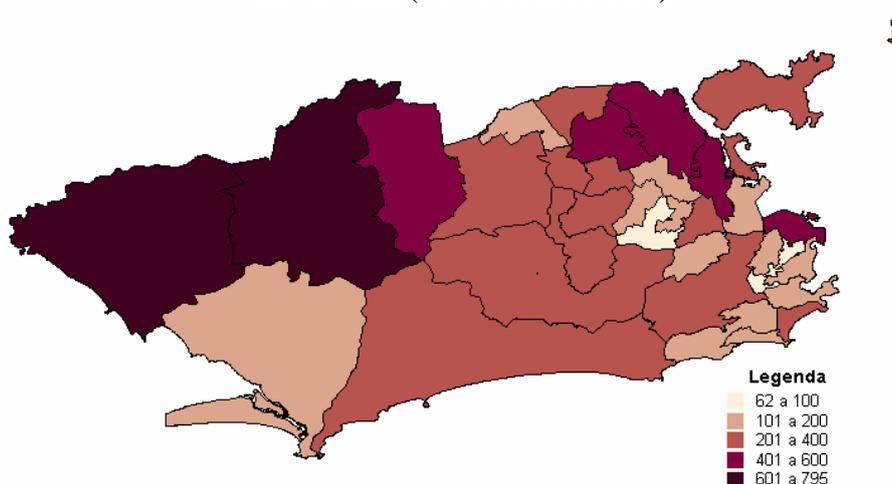
**Gráfico 4 - Evolução do número de desaparecimentos registrados nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ**  
2003 a 2008 – Número-índice: 2003=100



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

Nos últimos 5 anos, as DPs de Campo Grande e Santa Cruz foram as que notificaram maiores números de desaparecimentos em toda a cidade (figura 2): acima de 600 casos, mais de 120, em média, por ano, ou mais de 10, em média, por mês. Vale lembrar que esses dados abrangem somente os desaparecimentos comunicados à polícia, provavelmente uma parcela, apenas, do total de casos que ocorrem no dia-a-dia.

**Figura 2 - Pessoas desaparecidas, por circunscrições de delegacias policiais**  
**Município do Rio de Janeiro**  
2004 a 2008 (números absolutos)



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ.

Embora não se conheça a proporção exata, infere-se que uma parte expressiva desses desaparecimentos corresponde a “assassinatos sem corpo”, isto é, a execuções praticadas por traficantes, milicianos ou policiais, em que os corpos das vítimas são enterrados em cemitérios clandestinos ou destruídos para eliminar evidências. A grande quantidade de

registros de pessoas desaparecidas nas delegacias da *Zona Oeste*, em especial nas de Campo Grande e Santa Cruz, poderia estar relacionada, assim, às mesmas dinâmicas geradoras dos altos números de homicídios, como as disputas pelo “poder paralelo” na região, seja entre tráfico e milícias, seja entre fações de cada um desses grupos. Hipótese que é reforçada pela significativa convergência entre as distribuições de homicídios dolosos (tabela 4, acima) e de desaparecidos (tabela 8 a seguir) nos bairros mais violentos da *Zona Oeste*.

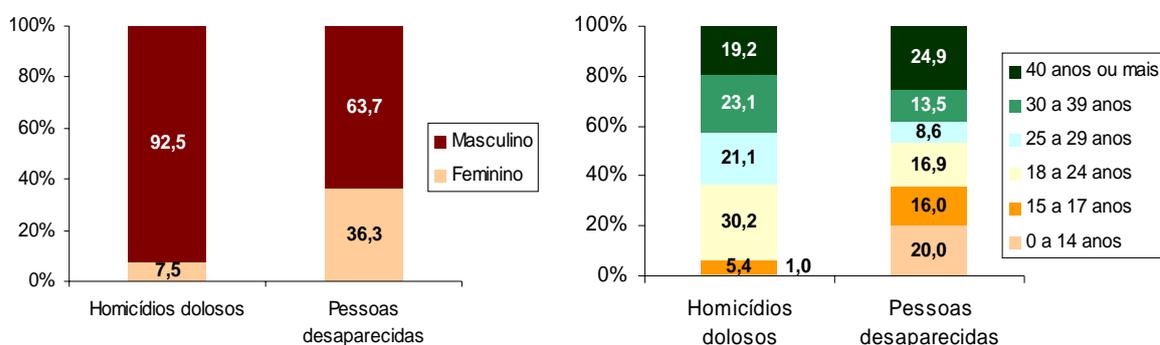
**Tabela 8 - Desaparecimentos registrados na Zona Oeste, por bairros**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008

<b>Bairro</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Bairro</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Campo Grande	428	22,2	Santíssimo	53	2,7
Santa Cruz	333	17,3	Inhoaíba	50	2,6
Bangu	221	11,5	Senador Vasconcelos	25	1,3
Realengo	213	11,0	Magalhães Bastos	20	1,0
Paciência	126	6,5	Deodoro	18	0,9
Senador Camará	88	4,6	Jardim Sulacap	10	0,5
Sepetiba	85	4,4	Vila Militar	2	0,1
Cosmos	63	3,3	Campo dos Afonsos	1	0,1
Padre Miguel	57	3,0	Não identificado	136	7,1
			<b>Total</b>	<b>1.929</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

Por outro lado, há algumas divergências entre os perfis das pessoas desaparecidas e das vítimas de homicídios que sugerem a necessidade de explicações adicionais para o número elevado e crescente do primeiro tipo de registro. Como se pode observar no gráfico 5, os perfis de gênero e etários diferem: apesar de também predominarem pessoas do sexo masculino e com idades de 15 a 39 anos, é bem maior entre os desaparecidos do que entre as vítimas de homicídio a participação de mulheres, assim como de crianças e adolescentes até 14 anos, e de adultos com idades iguais ou superiores a 40 anos. Conclusões mais consistentes sobre esse tema ainda dependem, portanto, dos resultados de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas para tentar entender o crescimento do número desaparecidos não só na *Zona Oeste* mas também em outras partes do município e do estado ao longo das últimas duas décadas.

**Gráfico 5 - Perfil de gênero e etário das vítimas de homicídio doloso e das pessoas desaparecidas na Zona Oeste Janeiro de 2004 a julho de 2008**



Fonte: Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ.

### 2.3 – Crimes contra o patrimônio

Esta seção focaliza essencialmente os roubos, com detalhamento específico dos roubos de veículos e a transeunte, por constituírem duas modalidades muito numerosas de crimes contra o patrimônio, que têm forte impacto no sentimento de segurança da população e que foram as mais citadas nas entrevistas com lideranças da *Zona Oeste*. Complementarmente, analisa também as ocorrências de furtos de veículos, que vêm aumentando expressivamente na região, em contraste com a tendência geral do MRJ e do ERJ.

É sempre fundamental lembrar que os dados aqui utilizados abrangem apenas as ocorrências notificadas à polícia e que, excetuando-se roubos e furtos de veículos, as estatísticas policiais costumam representar uma pequena parcela do total de ocorrências. Como mostram pesquisas de vitimização já feitas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, as taxas de notificação para roubos e furtos de veículos podem chegar a mais de 90%, enquanto para outros tipos de roubos variam de 24 a pouco mais de 40%. No primeiro caso, as taxas elevadas se devem à obrigatoriedade do registro para recebimento de seguro e ao risco de responsabilização do proprietário se o veículo for utilizado em outros crimes.<sup>12</sup> Nos demais casos, sobretudo quando não envolvem seguro, a proporção de casos notificados depende não só da gravidade do crime como da confiança que a população deposita na polícia e das expectativas sobre a qualidade do atendimento nas delegacias. Segundo o que se ouviu em entrevistas com lideranças locais, não há motivo para supor que as expectativas em relação à polícia sejam mais positivas na *Zona Oeste* do que no restante do município; é possível, ao contrário, que as taxas gerais de comunicação de delitos contra o patrimônio, e até de crimes contra a pessoa, sejam mais baixas aí do que em outras partes da cidade, devido ao clima de desconfiança e de medo instaurado na região.

<sup>12</sup> Levantamento realizado na cidade do Rio de Janeiro em 2002 estimou que somente 24% do total de roubos e 12% dos furtos eram notificados à polícia; no caso específico dos roubos e furtos de veículos, porém, a taxa de notificação chegaria a 99% (Ilanud, 2002). Pesquisa mais recente, feita pelo ISP em 2006-2007, abrangendo toda a Região Metropolitana, calculou em 78% e 91% as taxas de notificação, respectivamente, de roubos e furtos de veículos, ao passo que as de outras modalidades de crimes contra o patrimônio, mesmo envolvendo violência, seriam bem mais baixas: por exemplo, 32,6% no caso de roubo a residência e 41,4% em outros tipos de roubos (ISP, 2008).

### 2.3.1 – Roubos

Ainda assim, embora não figurem entre as delegacias cariocas com maiores volumes absolutos de registros nos últimos cinco anos (figura 3), três das quatro DPs da *Zona Oeste* apresentaram números elevados de roubos, especialmente de roubos de veículos e a transeunte no período de 2000 a 2008 (tabela 9).

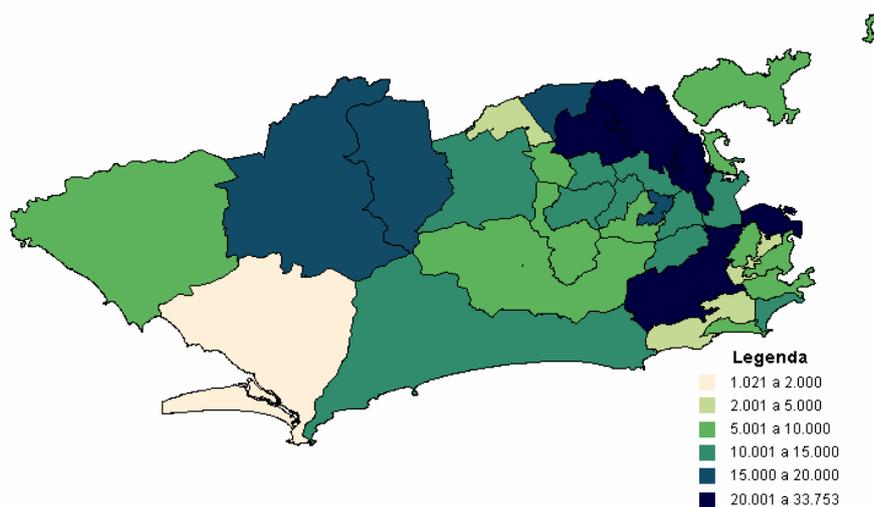
**Tabela 9 - Roubos registrados nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ, por tipos 2000 a 2008**

	33ª DP Rea- lengo	34ª DP Bangu	35ª DP Campo Grande	36ª DP Santa Cruz	Zona Oeste	MRJ	ERJ	Zona Oeste/ MRJ (%)
Roubo de veículo*	7.391	10.416	8.056	2.371	<b>28.234</b>	199.226	284.921	14,2
Roubo a transeunte	5.484	9.180	8.669	3.117	<b>26.450</b>	194.073	302.858	13,6
Roubo de aparelho celular	1.542	1.864	2.331	853	<b>6.590</b>	60.859	86.449	10,8
Roubo em coletivo	1.006	1.125	1.585	952	<b>4.668</b>	34.503	60.778	13,5
Roubo a estabelecimento comercial	780	918	1.448	536	<b>3.682</b>	28.261	52.009	13,0
Roubo de carga	393	543	543	283	<b>1.762</b>	12.994	22.817	13,6
Roubo a residência	137	220	464	237	<b>1.058</b>	5.817	14.805	18,2
Roubo com condução da vítima para saque em i.f.	50	29	54	18	<b>151</b>	1.288	1.964	11,7
Roubo a banco (roubo a instituição financeira)	11	8	10	4	<b>33</b>	471	686	7,0
Outros roubos	4.047	5.023	5.807	2.555	<b>17.432</b>	152.311	217.106	11,4
<b>Total de roubos</b>	<b>20.841</b>	<b>29.326</b>	<b>28.967</b>	<b>10.926</b>	<b>90.060</b>	<b>689.803</b>	<b>1.044.393</b>	<b>13,1</b>

(\*) Incluindo moto.

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

**Figura 3 - Total de roubos registrados, por circunscrições de delegacias policiais Município do Rio de Janeiro 2004 a 2008 (números absolutos)**

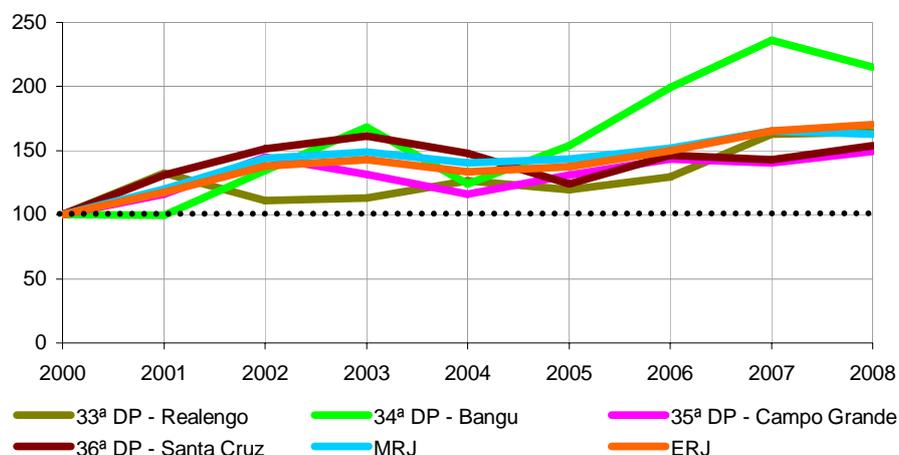


Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

No município e no estado, o total de assaltos registrados aumentou expressivamente desde 2000 e as DPs da *Zona Oeste* acompanharam essa tendência geral, com destaque para a circunscrição de Bangu, cuja curva de crescimento se situa bem acima da média a partir de 2006 (gráfico 6).

**Gráfico 6 - Evolução do total de roubos registrados nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ**

2000 a 2008 – Número-índice: 2000=100



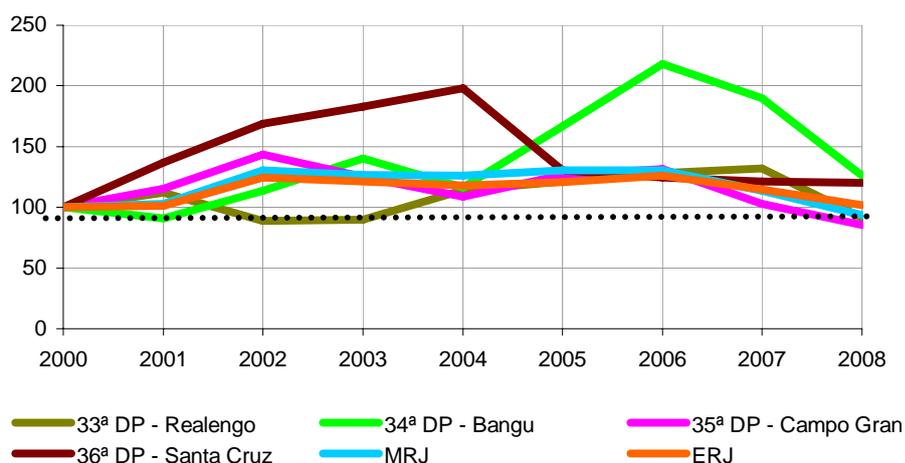
Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

**2.3.1.1 – Roubo de veículo**

Dentro desse cenário de aumento quase contínuo dos registros de assaltos, os roubos de veículo no estado e no município têm apresentado uma trajetória relativamente favorável: estabilização entre 2002 e 2006, seguida de decréscimo em 2007 e 2008. *Grosso modo*, a Zona Oeste também acompanhou a tendência geral, porém com oscilações muito mais bruscas, sobretudo nas DPs de Bangu e de Santa Cruz (gráfico 7).

**Gráfico 7 - Evolução dos roubos de veículos\* registrados nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ**

2000 a 2008 – Número-índice: 2000=100



(\*) Incluindo motos

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

Durante o período de 55 meses, ou 1.674 dias, abrangido pelos microdados do ISP (1º de janeiro de 2004 a 31 de julho de 2008), houve uma média de 278 roubos de veículos por mês,

ou nove por dia, na região. A distribuição por bairros (tabela 10) mostra Bangu, Realengo e Campo Grande no topo do *ranking*, concentrando quase 68% do total de registros, seguidos por Padre Miguel, Santa Cruz e Senador Camará. Tal como no caso dos homicídios dolosos, 90% desses assaltos ocorreram em oito bairros, que são os mesmos nas duas listas, salvo pela presença de Deodoro entre os oito com maior número de roubos de veículo e de Paciência entre aqueles com mais homicídios (ver tabela 4, acima).

**Tabela 10 - Roubos de veículos\* registrados na Zona Oeste, por bairros**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008\*

Bairro	Nº	%	Bairro	Nº	%
Bangu	4.030	26,6	Magalhães Bastos	268	1,8
Realengo	3.142	20,7	Paciência	225	1,5
Campo Grande	3.080	20,3	Senador Vasconcelos	99	0,7
Padre Miguel	1.109	7,3	Sepetiba	76	0,5
Santa Cruz	819	5,4	Inhoaíba	70	0,5
Senador Camará	631	4,2	Cosmos	63	0,4
Deodoro	485	3,2	Vila Militar	40	0,3
Santíssimo	436	2,9	Não informado	195	1,3
Jardim Sulacap	384	2,5	<b>Total</b>	<b>15.152</b>	<b>100,0</b>

(\*) Incluindo moto.

**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

Ao todo, 1.383 logradouros da *Zona Oeste* foram palco de pelo menos um roubo de veículo no período considerado, o que aponta para um padrão bastante disperso de ocorrência do crime. Por outro lado, mais de um terço dos roubos foi registrado em apenas 15 ruas (1,1% do total), metade foi registrada em 41 ruas (3,0%) e três quartos, em 172 ruas (12,4% do total) – evidenciando uma concentração significativamente maior do que no caso dos homicídios dolosos. Mais uma vez, a Avenida Brasil e outras grandes vias de tráfego da região aparecem no alto do *ranking*, como se vê na tabela 11, que mostra os 15 logradouros com mais incidência de roubos de veículos.

**Tabela 11 - Os 15 logradouros da Zona Oeste com mais registros de roubo de veículo\***  
Janeiro de 2004 a julho de 2008\*

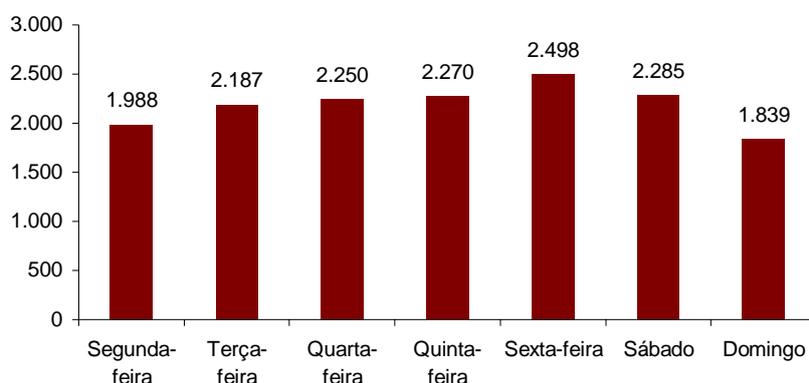
	Nº	%
Avenida Brasil	789	6,0
Avenida de Santa Cruz	717	5,5
Estrada da Água Branca	382	2,9
Avenida Cesário de Melo	327	2,5
Estrada do Engenho	236	1,8
Estrada Rio São Paulo	224	1,7
Estrada da Posse	221	1,7
Rua Marechal Marciano	216	1,6
Estrada do Mendanha	205	1,6
Avenida Marechal Fontineli	191	1,5
Rua Barão de Capanema	188	1,4
Avenida Ministro Ari Franco	172	1,3
Rua Santa Cruz	159	1,2
Estrada do Realengo	158	1,2
Rua Bernardo de Vasconcelos	153	1,2
<b>Total dos 15 logradouros</b>	<b>4.338</b>	<b>33,1</b>
<b>Total com informação de logradouro</b>	<b>13.121</b>	<b>100,0</b>
Sem informação	2.031	-
<b>Total</b>	<b>15.152</b>	-

(\*) Incluindo motos.

**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

Esse tipo de delito cresce ao longo da semana, atinge o ápice na sexta-feira e decresce nos finais de semana (gráfico 8). Note-se, porém, que, mesmo aos sábados e domingos, quando se reduz o volume de tráfego nas grandes vias, a quantidade de casos continua muito elevada. Considerando as 239 semanas abrangidas pelos microdados do ISP, chega-se a uma média diária em torno de 10 casos de quinta a sábado, e de oito a nove casos, aproximadamente, nos outros dias da semana.

**Gráfico 8 - Roubos de veículos\* registrados na Zona Oeste, por dias da semana**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008\* (números absolutos)

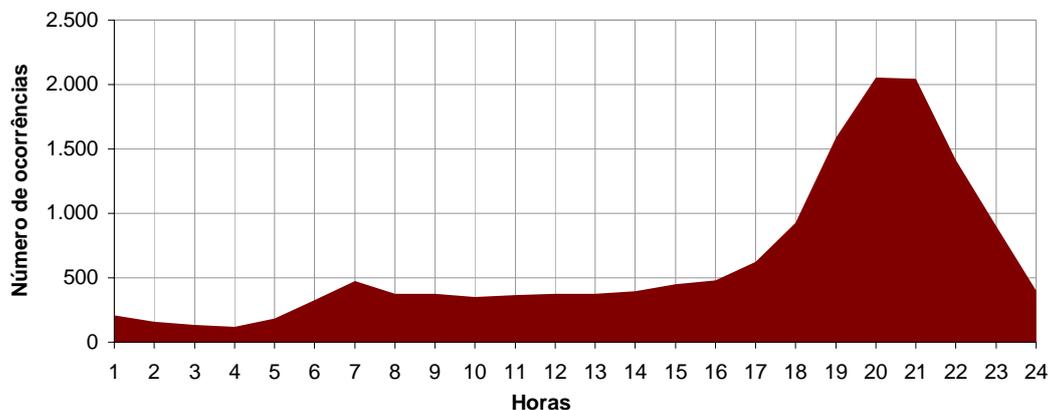


(\*) Incluindo motos.

**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

Cerca de 56% dos roubos de veículo se concentram no período de 19 às 24 horas. A incidência é mais baixa na madrugada, aumenta a partir das 5 horas e mantém-se relativamente constante entre 7 e 16 horas. Daí para frente, cresce muito, até alcançar o pico no intervalo 20-21 horas (gráfico 9).

**Gráfico 9 - Roubos de veículos\* registrados na Zona Oeste, por horários**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008\* (números absolutos)



(\*) Incluindo motos

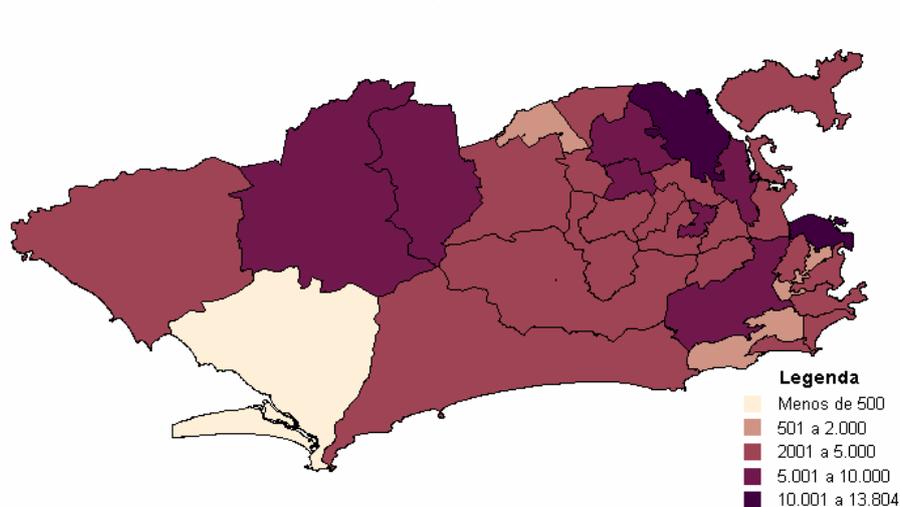
Fonte: Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ.

A noite é, portanto, o período em que se está mais sujeito(a) a esse tipo de assalto, embora também seja elevada a incidência no horário diurno. Tomando como referência os 1.674 dias abrangidos pelos microdados do ISP, pode-se dizer que, todos os dias, entre as 19 e as 24 horas, ocorrem em média cinco roubos de veículos na Zona Oeste; mais dois entre uma hora da manhã e meio-dia, e outros dois entre as 13 e as 18 hs.

### 2.3.1.2 – Roubo a transeunte

Bem menos notificados, em geral, que os roubos de veículos e talvez menos notificados na *Zona Oeste* que em outras partes da cidade, ainda assim os registros de roubo a transeunte são muito numerosos na região, em especial nas circunscrições de Campo Grande e Bangu (figura 4).

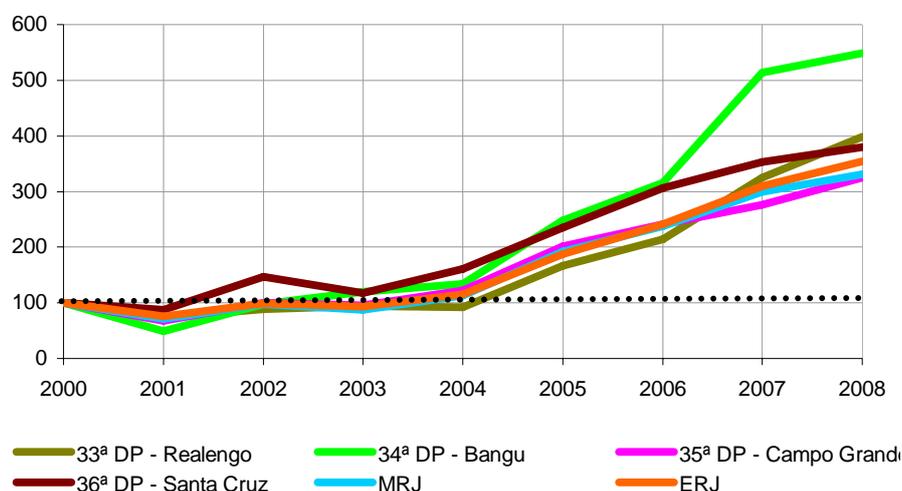
**Figura 4 - Roubo a transeunte registrados, por circunscrições de delegacias policiais  
Município do Rio de Janeiro  
2004 a 2008 (números absolutos)**



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

Houve um fortíssimo aumento dessa modalidade de ocorrências no município a partir de 2004 – trajetória que três das quatro delegacias da *Zona Oeste* acompanharam de perto e que a de Bangu superou amplamente, como se pode visualizar no gráfico 10.

**Gráfico 10 - Evolução dos roubos a transeunte registrados nas delegacias da Zona Oeste,  
no MRJ e no ERJ  
2000 a 2008 – Número-índice: 2000=100**



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

Os quatro bairros principais e mais populosos da região foram os que registraram maiores números de assaltos a transeunte no período abrangido pelos microdados do ISP, seguidos de Padre Miguel, Senador Camará, Jardim Sulacap e Magalhães Bastos (tabela 12). No total, esses oito bairros responderam por mais de 90% dos casos registrados ao longo do referido período.

**Tabela 12 - Roubos a transeunte registrados na Zona Oeste, por bairros**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008

Bairro	Nº	%	Bairro	Nº	%
Campo Grande	4.966	27,6	Santíssimo	252	1,4
Bangu	4.863	27,1	Senador Vasconcelos	227	1,3
Realengo	2.701	15,0	Deodoro	189	1,1
Santa Cruz	1.697	9,4	Sepetiba	99	0,6
Padre Miguel	831	4,6	Inhoaíba	95	0,5
Senador Camará	552	3,1	Cosmos	93	0,5
Jardim Sulacap	469	2,6	Vila Militar	29	0,2
Magalhães Bastos	270	1,5	Campo dos Afonsos	1	0,0
Paciência	263	1,5	Não informado	378	2,1
<b>Total</b>			<b>17.975</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ.

O padrão de distribuição desse crime (ou, pelo menos, da parcela que chega ao conhecimento da polícia) nas ruas da *Zona Oeste* é ainda mais concentrado que o de roubo de veículos: embora se tenha registrado pelo menos um roubo a transeunte em 1.245 ruas da região, mais de um terço dos registros se refere a 12 ruas (1% do total), metade, a 32 ruas (2,6%) e três quartos, a 117 ruas (9,4% do total). Novamente, as grandes vias encabeçam o *ranking*, mas desta vez com a Avenida de Santa Cruz em primeiro lugar, seguida das Avenidas Brasil e Cesário de Melo (tabela 13).

**Tabela 13 - Os 15 logradouros da Zona Oeste com mais registros de roubo a transeunte**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008

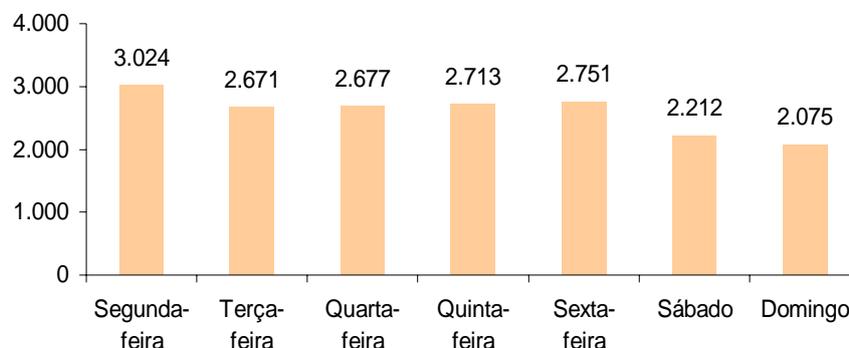
	Nº	%
Avenida de Santa Cruz	940	6,2
Avenida Brasil	555	3,7
Avenida Cesário de Melo	551	3,6
Rua Campo Grande	501	3,3
Rua Felipe Cardoso	478	3,2
Rua Coronel Tamarindo	364	2,4
Avenida Cônego Vasconcelos	335	2,2
Avenida Marechal Fontineli	295	2,0
Avenida Ministro Ari Franco	293	1,9
Estrada do Mendanha	264	1,7
Estrada da Água Branca	255	1,7
Rua Coronel Agostinho	208	1,4
Estrada do Campinho	200	1,3
Rua Bernardo de Vasconcelos	200	1,3
Rua Francisco Real	178	1,2
<b>Total dos 15 logradouros</b>	<b>5.617</b>	<b>37,2</b>
<b>Total com informação de logradouro</b>	<b>15.107</b>	<b>100,0</b>
<b>Sem informação</b>	<b>2.868</b>	<b>-</b>
<b>Total</b>	<b>17.975</b>	<b>-</b>

Fonte: Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ.

Segunda-feira foi o dia da semana com maior número de registros de roubos a transeunte no período considerado e domingo, o dia de menor número (gráfico 11). Dentro das 239 semanas

abrangidas pelos microdados do ISP, a média diária girou em torno de 13 ocorrências às segundas-feiras, em torno de 9 aos sábados e domingos, e em torno de 11 nos outros dias da semana.

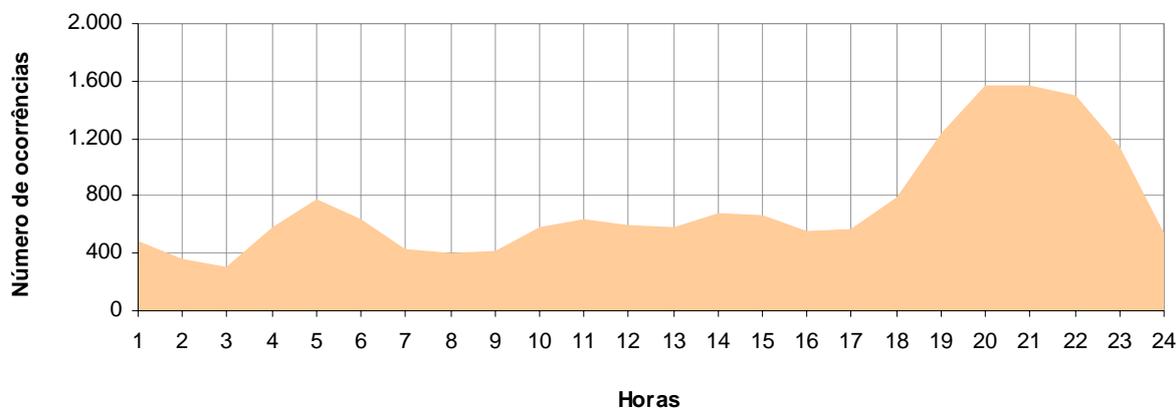
**Gráfico 11 - Roubos a transeunte registrados na Zona Oeste, por dias da semana**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008 (números absolutos)



**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

Tal como a de roubos de veículos, porém numa proporção menor (cerca de 43%), a frequência mais alta de assaltos a transeunte ocorre no período de 19 às 24 horas, com pico no intervalo 20-21 horas.

**Gráfico 12 - Roubos a transeunte registrados na Zona Oeste, por horários**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008 (números absolutos)



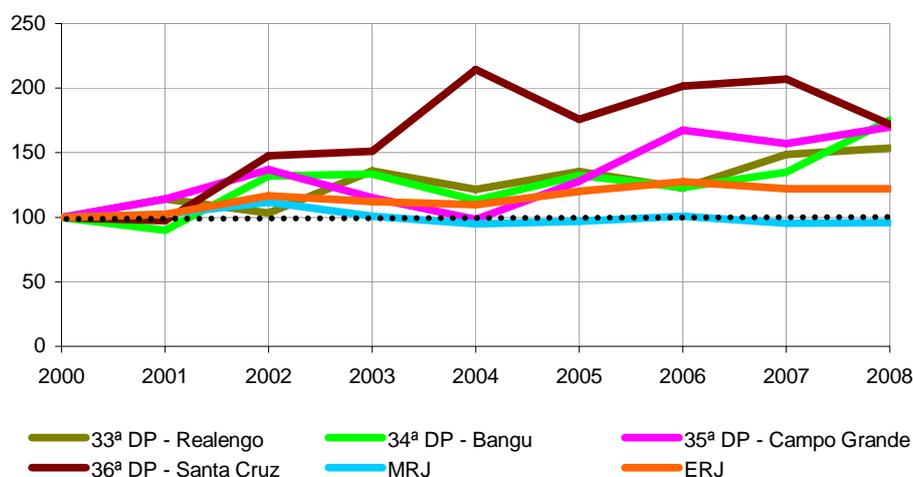
**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

### 2.3.2 – Furto de veículos

Como já foi dito e como mostra o gráfico 13, a evolução dos furtos de veículos na Zona Oeste é ascendente entre 2000 e 2008, em particular de 2004 em diante, contrariando a tendência de estabilização com ligeira baixa verificada no conjunto do município.

**Gráfico 13 - Evolução dos furtos de veículos\* registrados nas delegacias da Zona Oeste, no MRJ e no ERJ**

2000 a 2008 – Número-índice: 2000=100



(\*) Incluindo motos

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

Vale observar que nas circunscrições de Realengo e Bangu, a relação roubos/furtos de veículos é mais alta que as médias do estado e do município, enquanto em Campo Grande e Santa Cruz essa relação fica abaixo da média (tabela 14). Trata-se de um indicador do “grau” de violência empregado para a subtração criminosa de veículos: quanto mais elevado num local, mais a subtração violenta prevalece sobre a não-violenta, ou seja, mais os veículos são obtidos mediante coação das vítimas, quase invariavelmente exercida com armas de fogo.<sup>13</sup> No trecho da Avenida Brasil que atravessa a *Zona Oeste*, por exemplo, ocorrem cerca de 12 roubos de veículos para cada furto, enquanto na Avenida Cesário de Melo, a relação é de 3 para 1, de acordo com os microdados do ISP para o período de 2004 a julho de 2008.

**Tabela 14 - Relação roubos/furtos de veículos\* na Zona Oeste**  
2000 a 2008

	Roubos/ furtos de veículos
33ª DP - Realengo	2,2
34ª DP - Bangu	2,5
35ª DP - Campo Grande	1,2
36ª DP - Santa Cruz	1,4
<b>Zona Oeste</b>	<b>1,8</b>
<b>MRJ</b>	<b>1,9</b>
<b>ERJ</b>	<b>1,6</b>

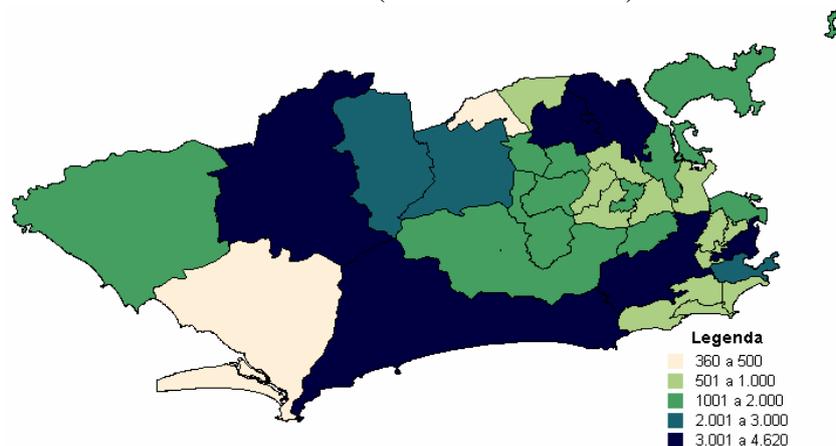
(\*) Incluindo motos

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

<sup>13</sup> Análise dos relatos sobre roubos de veículos feitos ao Disque-Denúncia indica ser bastante rara a prática desse crime com armas brancas ou com outros meios de coação que não armas de fogo (cf. Musumeci e Conceição, 2007).

Nos últimos cinco anos, a delegacia de Campo Grande foi a única da região a figurar entre as de maior incidência de furto de veículo no município (figura 5).

**Figura 5 - Furtos de veículos\* registrados, por circunscrições de delegacias policiais  
Município do Rio de Janeiro  
2004 a 2008 (números absolutos)**



(\*) Incluindo motos

Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ

Oito bairros concentraram 93% dos furtos registrados na *Zona Oeste* entre janeiro de 2004 e julho de 2008, liderados, mais uma vez, pelos quatro mais populosos, sendo que Campo Grande, sozinho, respondeu por mais de 1/3 dos registros feitos nas delegacias da região (tabela 15).

**Tabela 15 - Furtos de veículo registrados na Zona Oeste, por bairros  
Janeiro de 2004 a julho de 2008**

Bairro	Nº	%
Campo Grande	3.025	35,4
Realengo	1.493	17,5
Bangu	1.360	15,9
Santa Cruz	787	9,2
Padre Miguel	633	7,4
Jardim Sulacap	186	2,2
Sepetiba	158	1,8
Senador Vasconcelos	121	1,4
Magalhães Bastos	99	1,2
Senador Camará	98	1,1
Paciência	80	0,9
Santíssimo	80	0,9
Cosmos	72	0,8
Vila Militar	69	0,8
Deodoro	63	0,7
Inhoaíba	36	0,4
Campo dos Afonsos	0	0,0
Não identificado	185	2,2
<b>Total</b>	<b>8.545</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. Elaboração: IE/UFRJ.

No total, 1.132 ruas tiveram pelo menos um registro de furto de veículo no período considerado, sendo que 1/3 dos casos ocorreu em 22 logradouros (1,9%), metade em 52 (4,6) e 3/4 em 189 ruas (16,7%).

**Tabela 16 - Os 15 logradouros da Zona Oeste com mais registros de furto de veículo\***  
Janeiro de 2004 a julho de 2008\*

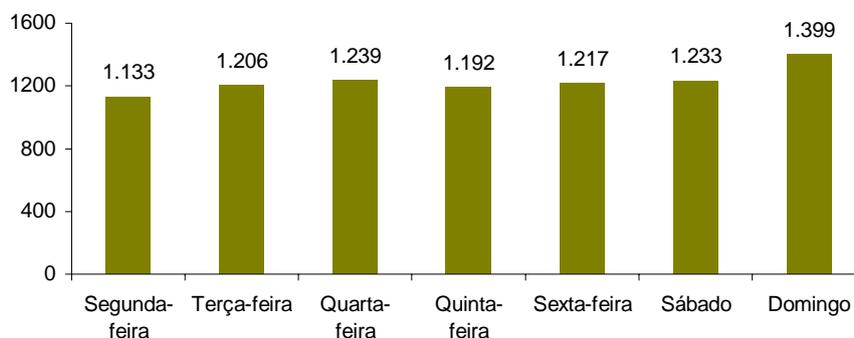
<b>Logradouro</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Rua Oliveira Braga	421	6,0
Avenida de Santa Cruz	198	2,8
Avenida Cesário de Melo	159	2,3
Rua Campo Grande	151	2,2
Rua Ibitiua	136	1,9
Rua Santa Cecília	99	1,4
Avenida Cônego Vasconcelos	95	1,4
Estrada do Mendanha	94	1,3
Rua Artur Rios	92	1,3
Rua Olinda Ellis	80	1,1
Rua Santa Cruz	76	1,1
Estrada do Campinho	74	1,1
Estrada do Realengo	71	1,0
Avenida Brasil	70	1,0
Rua Nilópolis	68	1,0
<b>Total dos 15 logradouros</b>	<b>1.884</b>	<b>26,9</b>
<b>Total com informação de logradouro</b>	<b>7.014</b>	<b>100,0</b>
Sem informação	1.531	-
<b>Total</b>	<b>8.545</b>	-

(\*) Incluindo motos.

**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

Ao contrário dos roubos, que, como se viu, tendem a diminuir nos finais de semana, os furtos de veículos crescem ligeiramente aos domingos; de resto, porém, a distribuição das ocorrências ao longo da semana é bastante uniforme (gráfico 14). A média diária ficou em torno de 6 casos nos domingos e de 5 nos demais dias.

**Gráfico 14 - Furtos de veículos\* registrados na Zona Oeste, por dias da semana**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008 (números absolutos)

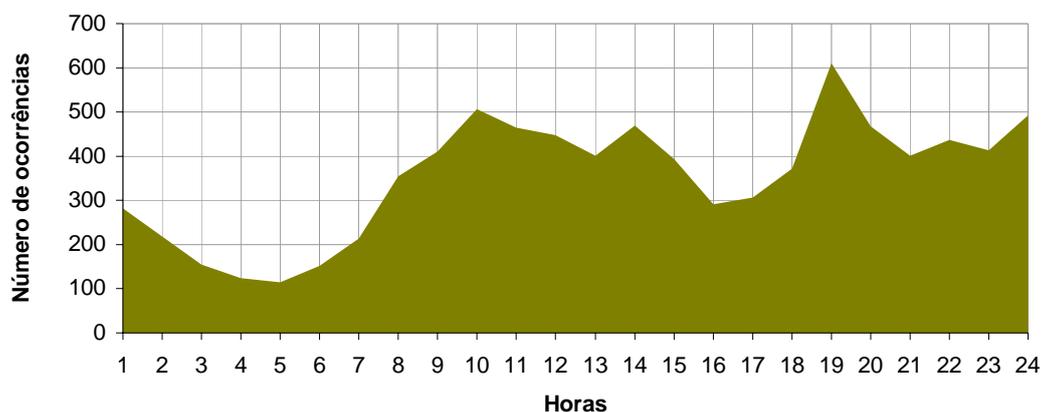


(\*) Incluindo motos.

**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

Cabe lembrar que, no caso de furto, a comunicação à delegacia geralmente não se refere ao horário em que o delito ocorreu (informação desconhecida, salvo se houver testemunhas e se estas notificarem o fato), mas àquele em que a vítima percebeu que o veículo havia sido subtraído ou então ao momento em que o deixara no local onde foi furtado. Não admira, portanto, que o padrão de incidência desse tipo de crime por horários (gráfico 15) seja bem menos nítido do que no caso dos roubos (ver gráfico 9, acima).

**Gráfico 15 - Furtos de veículos\* registrados na Zona Oeste, por horários**  
Janeiro de 2004 a julho de 2008\* (números absolutos)



(\*) Incluindo motos.

**Fonte:** Microdados do ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil. **Elaboração:** IE/UFRJ.

#### **2.4. Presença de milícias**

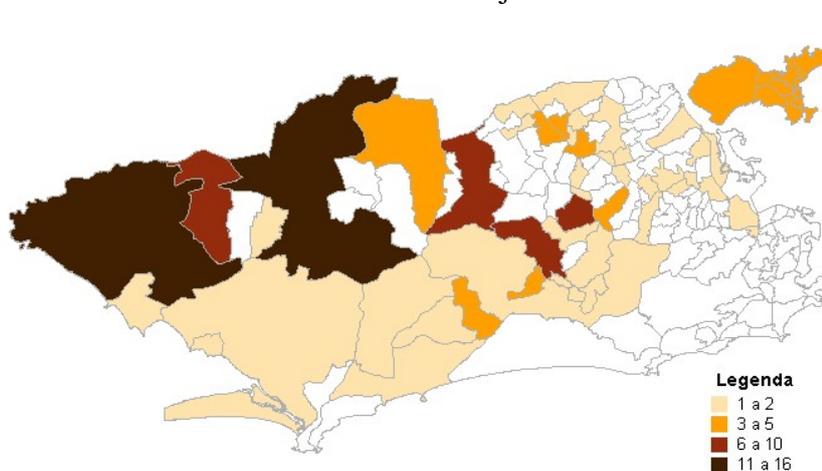
A CPI da Alerj que investigou a ação das milícias, concluída em novembro de 2008, identificou no Município do Rio de Janeiro 128 áreas dominadas por esses grupos criminosos armados, em 48 bairros (tabela 17 e figura 6). De acordo com a CPI, os bairros da cidade com maiores números de locais nessa condição ficam na Zona Oeste: Campo Grande (16 áreas), Santa Cruz (15) e Realengo (10). Embora com quantidades menores, três outros bairros da região também figuram na lista: Bangu (3 áreas dominadas), Inhoaíba (2) e Sepetiba (1).

**Tabela 17 - Número de áreas com milícias, por bairro**  
Relatório final da CPI da Alerj – Novembro de 2008

Bairro	Nº	Bairro	Nº	Bairro	Nº
Campo Grande	16	Jacarepaguá	2	Honório Gurgel	1
Santa Cruz	15	Inhoaíba	2	Vaz Lobo	1
Realengo	10	Ricardo de Albuquerque	2	Anil	1
Praça Seca	9	Pedra de Guaratiba	2	Freguesia	1
Taquara	7	Guaratiba	2	Gardênia Azul	1
Paciência	6	São Cristóvão	1	Tanque	1
Ilha do Governador	4	Praça da Bandeira	1	Sepetiba	1
Rocha Miranda	3	Manguinhos	1	Anchieta	1
Curicica	3	Ramos	1	Recreio dos Bandeirantes	1
Bangu	3	RA Penha	1	Vargem Grande	1
Guadalupe	3	Del Castilho	1	Vargem Pequena	1
Barros Filho	3	Inhaúma	1	Coelho Neto	1
Quintino	3	Higienópolis	1	Pavuna	1
Irajá	2	Engenho de Dentro	1	Maré	1
Campinho	2	Pilares	1	Cidade de Deus	1
Cavalcante	2	Vicente de Carvalho	1	<b>Total</b>	<b>128</b>
		Oswaldo Cruz	1		

**Fonte:** Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro - Relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar a ação de milícias no Estado do Rio de Janeiro. (Resolução nº 433/2008). **Elaboração:** IE/UFRJ

**Figura 6 - Número de áreas com milícias, por bairro**  
Relatório final da CPI da Alerj – Novembro de 2008



**Fonte:** Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro - Relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar a ação de milícias no Estado do Rio de Janeiro. (Resolução nº 433/2008). **Elaboração:** IE/UFRJ

Em levantamento feito junto ao Disque-Denúncia, referente ao período de janeiro de 2006 a abril de 2008, foi identificado um total de 2.219 denúncias contra milicianos na cidade do Rio, sendo mais de ¼ (28%) delas provenientes de bairros da Zona Oeste: Campo Grande (campeão municipal de denúncias, com 258), Santa Cruz (169), Realengo (113), Paciência (107), Sepetiba (63), Inhoaíba (57) e Cosmos (45). Tais denúncias referiam-se, majoritariamente, a extorsões, desvio de conduta (presume-se que de policiais), posse ilícita de armas de fogo, homicídio consumado, ameaças, tráfico de drogas, e rádio, tevê ou telefonia clandestina (Cano, 2008).

**Tabela 18 - Denúncias contra milícias feitas ao Disque-Denúncia, por bairro**  
Janeiro de 2006 a abril de 2008

Bairro	Denúncias		Bairro	Denúncias	
	Nº	%		Nº	%
Campo Grande	258	8,8	Inhoaíba	57	2
Jacarepaguá	199	6,8	Ramos	57	2
Santa Cruz	169	5,8	Penha	50	1,7
Anchieta	167	5,7	R. dos Bandeirantes	50	1,7
Guadalupe	131	4,5	Guaratiba	48	1,6
Realengo	113	3,9	Cascadura	47	1,6
Paciência	107	3,7	Ilha do Governador	47	1,6
Quintino Bocaiuva	99	3,4	Cosmos	45	1,5
Brás de Pina	92	3,2	Piedade	44	1,5
Praça Seca	67	2,3	Inhaúma	40	1,4
Taquara	64	2,2	Outros/NI	905	31
Sepetiba	63	2,2	<b>Total</b>	<b>2.919</b>	<b>100</b>

Fonte: Cano, Ignacio (2008). **Elaboração:** IE/UFRJ

### 3. Proposta de agenda para a segurança pública da região

A partir da análise dos dados quantitativos, feita na seção anterior, e das sugestões colhidas nas entrevistas e grupos de discussão, apresentam-se aqui algumas propostas para uma agenda de ações e reivindicações visando à melhoria da segurança pública na Zona Oeste. Tais propostas foram incorporadas ao documento-síntese do Projeto e discutidas com lideranças locais e representantes do poder público no seminário de 15 de maio de 2009, no grupo de trabalho sobre Segurança Pública e Uso do Solo.

Dada a convergência, em certos casos, com propostas que emergiram de outros estudos setoriais, assinalaram-se abaixo, em itálicos, os temas pertinentes, também, a essas outras áreas – notadamente educação, uso/ocupação do solo e governança.

- *Educação:* Políticas de qualificação educacional e profissional, direcionadas especialmente aos jovens de comunidades carentes da região, mais vulneráveis ao recrutamento por grupos criminosos e à vitimização pela violência letal.
- *Uso e ocupação do solo:* Estabelecimento efetivo de política habitacional para os segmentos de baixa renda e regularização dos espaços e construções já habitados em comunidades populares da região, reduzindo a ampla margem de ilegalidade que favorece o controle territorial armado dessas áreas seja pelo tráfico ou pelas milícias. Maior controle, pelos governos municipal e estadual, da ocupação urbana na região, para evitar a continuidade das ocupações irregulares, do loteamento e da venda ilegais de terrenos, bem como a cobrança de taxas “informais” sobre essas transações.
- Efetivação do combate às milícias na Zona Oeste e em todo o estado, de acordo com as conclusões e recomendações da Comissão Parlamentar de Inquérito da Alerj que investigou a ação desses grupos no Rio de Janeiro (Relatório Final da CPI, novembro de 2008).
- Prioridade à fiscalização e aos investimentos nos setores mais explorados por grupos criminosos armados na Zona Oeste, de modo a restaurar a legalidade dos serviços à

população e estrangular as fontes financeiras desses grupos, sejam eles ligados ao tráfico de drogas, às milícias ou a setores corruptos das polícias:

- Gestão junto às operadoras de tevê por assinatura, especialmente àquelas que utilizam transmissão por satélite, para que tomem as medidas técnicas e gerenciais necessárias ao bloqueio do sinal, coibindo a exploração ilegal do serviço, impropriamente apelidada de “gatonet”.
  - Cobrança pelo Estado de contrapartida das tevês por assinatura (que pagam somente 10% de ICMS, contra 30% dos demais serviços de telecomunicações), na forma de ampla oferta de pacotes populares, incluindo internet banda larga, a exemplo da iniciativa que está sendo implantada na comunidade do Batan, em Realengo.
  - Em parceria com as associações empresariais e outras entidades da sociedade civil da Zona Oeste, realização de campanhas públicas de esclarecimento sobre os riscos e as consequências do recurso a serviços informais de segurança privada tanto nas áreas comerciais quanto nas residenciais.
  - Ampliação e racionalização dos serviços regulares de transporte coletivo na área; fiscalização rigorosa do transporte dito “alternativo” (ônibus piratas, mototaxis, kombis e vans não-legalizadas), usualmente explorado por grupos criminosos, seja de forma direta ou mediante extorsão.
  - Gestões junto à ANP (Agência Nacional de Petróleo) e ao Sindigás (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Gás Liquefeito de Petróleo), sugerindo a mudança do sistema de distribuição de gás, com cadastramento efetivo dos revendedores, fiscalização rigorosa dos pontos de venda ao consumidor e criação de um sistema de identificação dos botijões (código de barras).
  - Combate efetivo à exploração da prostituição infanto-juvenil na região.
- Implantação de projetos de policiamento comunitário e ocupação social de favelas da Zona Oeste, quer estejam sob o domínio do tráfico de drogas ou de milícias, nos moldes do que vem sendo realizado em outras partes da cidade. O planejamento de tais ações deve considerar, porém, os seus prováveis efeitos de transbordamento, como a migração dos criminosos para outras comunidades da região ou de outras áreas, assim como o recrudescimento dos crimes violentos de rua (sobretudo roubos e sequestros-relâmpago).
  - Ampliação dos efetivos das Polícias e da Guarda Municipal atuantes na Zona Oeste, levando-se em conta o acentuado crescimento demográfico e os altos índices de criminalidade registrados na área, além do fato de que o batalhão de Campo Grande presta serviço de policiamento montado a outras regiões da cidade.
  - Com a participação das lideranças empresariais e comunitárias da região, formulação de plano integrado de policiamento ostensivo nas áreas mais vulneráveis à criminalidade de rua (assaltos, furtos e sequestros-relâmpago), que contemple tanto a racionalização do uso dos efetivos da PM e da Guarda Municipal quanto a atuação da Prefeitura e do setor privado na redução dos fatores que favorecem a prática desses tipos de crimes: por exemplo, melhora da iluminação pública e do calçamento das ruas; instalação de câmeras de monitoramento; construção e manutenção de postos de policiamento em locais estratégicos; adoção de mecanismos sistemáticos de comunicação entre policiais, guardas municipais e vigilantes particulares legalizados.

- Redução do tempo de atendimento para registro de ocorrência nas delegacias policiais da região e realização de campanha de estímulo ao registro de delitos.
- Planejamento de ações sustentáveis para coibir roubo de veículos, roubo em coletivo e roubo de carga nas principais vias da Zona Oeste, seja com ampliação e racionalização do policiamento ostensivo, seja com investigação e desmonte das redes que dão suporte a esses tipos de crime (ferros-velhos, oficinas mecânicas, receptadores e revendedores de produtos roubados).
- *Governança*: Integração efetiva da discussão sobre segurança pública ao debate sobre o desenvolvimento sócio-econômico da região.
  - Avaliação da possibilidade de se criar um fórum permanente de segurança pública para a Zona Oeste.
  - Ampliação da participação de lideranças empresariais e comunitárias nos Conselhos Comunitários de Segurança das respectivas AISPs, assim como em outros espaços de interlocução entre sociedade civil e instituições de segurança pública; articulação desses espaços aos mecanismos mais amplos de governança que venham a ser criados na região.
  - Mapeamento dos projetos sociais e culturais desenvolvidos por empresas, órgãos públicos e organizações da sociedade civil em áreas carentes da região, visando a identificar e replicar as contribuições relevantes para a redução de vulnerabilidades e prevenção da violência.
  - Avaliação das consequências e prevenção dos problemas (para a ocupação do solo, a segurança etc.) decorrentes da desmobilização de trabalhadores da construção civil ao término de cada novo empreendimento de grande porte (só no caso da CSA serão cerca de 25 mil).
- Realização de pesquisa de vitimização para a Zona Oeste, com aplicação de questionários a amostras representativas de domicílios, empresas e escolas.
- Estabelecimento de convênio entre a Secretaria de Segurança Pública do Estado e centros de ensino e pesquisa para o monitoramento contínuo dos indicadores de criminalidade e violência da Zona Oeste.

## Referências Bibliográficas

### Fontes primárias

ISP-RJ. Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. *Resumo das Principais Incidências Criminais do Estado do Rio de Janeiro*, publicadas mensalmente pelo Diário Oficial. Período de abril de 2002 a dezembro de 2008 [<http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=150>], complementado com dados da Asplan da Polícia Civil para o período de janeiro de 2000 a fevereiro de 2002.

ISP-RJ. Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. Microdados cedidos para a realização do presente trabalho, relativos às delegacias policiais da *Zona Oeste* e ao período de janeiro de 2004 a julho de 2008.

ALERJ. Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. *Relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar a ação de milícias no estado do Rio de Janeiro*. (Resolução nº 433/2008). Rio de Janeiro, 2008.

Entrevistas com empresários e lideranças da *Zona Oeste*, realizadas nas sedes da ACERB (Bangu), da ACICG e da ADEDI (Campo Grande), da ACIRA (Realengo) e da AEDIN (Santa Cruz).

### Bibliografia

CANO, Ignacio. *Letalidade da ação policial no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: ISER, 1997.

CANO, Ignacio. *O perfil racial dos mortos pela polícia no Rio de Janeiro*. Texto para o Relatório de Desenvolvimento Humano 2005 – Capítulo Sistema de Justiça Criminal. Rio de Janeiro: CESeC e Pnud, 2005.

CANO, Ignacio. Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas “milícias” no Rio de Janeiro. *In: Justiça Global. Segurança, Tráfico e Milícias no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böell, 2008.

CANO, Ignacio e SANTOS, Nilton. *Violência letal, renda e desigualdade social no Brasil*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2001.

ILANUD. Instituto Latino-Americano para Prevenção da Violência e Tratamento do Delinquente. *Pesquisa de Vitimização 2002 e Avaliação do Plano de Prevenção da Violência Urbana – PIAPS*. São Paulo, Ilanud, FIA/USP e Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, 2002.

ISP-RJ. Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. *Pesquisa de condições de vida e vitimização – 2007*. Rio de Janeiro, ISP, 2008. [Disponível em <http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=79>].

MUSUMECI, Leonarda. Violência, criminalidade e segurança. *Relatório de Desenvolvimento Humano Sustentável Local do Município do Rio de Janeiro (RDH-Rio)*, Capítulo 5. Rio de

Janeiro: Pnud, Ipea e Prefeitura Municipal, 2001. [Disponível em <http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/RDHRio-Cap5.pdf>].

MUSUMECI, Leonarda e CONCEIÇÃO, Greice. *Geografia dos roubos de veículo na cidade do Rio de Janeiro. Análise das ocorrências registradas pela Polícia Civil e das denúncias feitas ao Disque-Denúncia no período 2002-2005*. Rio de Janeiro, IE-UFRJ, agosto de 2007. [Disponível em [http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/Prisma\\_geografia\\_roubos\\_veiculos.pdf](http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/Prisma_geografia_roubos_veiculos.pdf)]

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Relatório do Desenvolvimento Humano Brasil 2005 – Racismo, pobreza e violência*. Brasília, Pnud, 2005.

RAMOS, Silvia. *Meninos do Rio: Jovens, violência armada e polícia nas favelas cariocas. Notas sobre cenários e perspectivas no final da década de 2000*. Relatório do projeto Juventude, Violência e Polícia. Rio de Janeiro, CESeC/Unicef, março de 2009.

## Anexo: Vozes da Zona Oeste

### 1. Resumo das entrevistas qualitativas, por área

<b>Realengo</b>
-----------------

- Principal problema da Zona Oeste: falta de policiamento ostensivo. Não há polícia na rua, nem mesmo nas grandes vias. A sensação de insegurança é muito grande. População tem medo de tudo, vive acuada. Zona Oeste é periferia, desassistida em tudo, e o batalhão de cavalaria atua preferencialmente nas “áreas prioritárias” da cidade, deixando a região a descoberto. As áreas cobertas pelas unidades policiais da Zona Oeste são gigantescas e o efetivo disponível não dá conta. Ninguém está satisfeito com a segurança. Todos estão vivendo menos. Por medo, por absoluta falta de segurança.
- O pouco que há de polícia está na rua para fazer negócio, ganhar dinheiro. Enquanto policiais ganharem pouco, haverá negociação, “arrego”, e enquanto houver isso, a polícia não dará segurança.
- Falta de segurança faz com que empresários – na maioria pequenos e micro – se escondam, não queiram participar de projetos, nem de eventos, não falem sobre o que fazem, nem sobre os problemas que enfrentam, por medo da violência. Não se consegue nem saber quais são as questões de segurança mais importantes, porque eles talvez registrem os crimes, mas não comentam com ninguém.
- Violência cresce porque não encontra resistência: falta do poder público favorece: (a) conflitos sociais de toda sorte (brigas familiares, de vizinhos etc.), decorrentes do grande volume de população desassistida, da ausência de regulação do uso do espaço (estabelecimentos informais em locais inapropriados, por exemplo), e (b) prática de crimes e vandalismo, em plena luz do dia, que não são coibidos nem punidos.
- Violência cresce também com o desenvolvimento: crime vem junto com aumento da população e da riqueza, como aconteceu no interior de São Paulo, no Espírito Santo e em outras áreas, e está acontecendo na Zona Oeste.
- Casas de show se instalam nos centros comerciais, atraem público, sobretudo jovens pobres, com música, entrada gratuita para mulheres e cerveja barata. No seu entorno ficam pessoas ainda mais pobres, que não têm dinheiro para entrar, e criam uma série de problemas, inclusive roubos, brigas e tiros.

- Há bailes funk e provavelmente brigas e mortes dentro das comunidades, mas isso não afeta os centros comerciais, só quando há circulação de pessoas entre um baile e outro, entre favelas, o que é raro. Em Campo Grande, só há duas grandes favelas, Carobinha e Barbante, e o que acontece lá não influencia a urbanidade, o problema fica dentro, o que vem para fora é o que acontece em toda a cidade, inclusive na Zona Sul: roubos e outros crimes.
- Algumas favelas criam pânico na região porque ficam perto das principais vias: Batan hoje tem projeto social, parece que está calma, mas tem o Fumacê, também na via principal, no centro, ninguém passa por lá. Fumacê e Vila Kennedy ainda não têm milícia, embora se possam ver carros circulando dentro dessas favelas com logomarca da milícia. Ninguém passa por ali à noite, porque corre muito risco. Não há policiamento, se eles quiserem vir para a pista ninguém vai impedir.
- Polícia e milícia estão uma dentro da outra, ninguém sabe quem é quem. Inicialmente pensou-se que as milícias seriam uma solução (o raciocínio era: melhor ter um policial do meu lado, mesmo se agindo ilegalmente, do que um bandido), mas logo se viu que elas têm projeto político. No começo era a forma que os policiais encontraram de se defender, pois estavam acuados pelo tráfico. Começaram dando uma de justiceiros, mas aí apareceu a visão política, o projeto de poder. Cresceram rapidamente, dominaram todas as atividades comerciais populares, acham que podem tudo, não são combatidas, praticam crimes em plena luz do dia e ninguém é preso. Hoje não se aceita mais isso como uma solução.
- CSA está usando milicianos na segurança da obra, contratou seguranças da região sem querer saber se são de milícias ou não. Eles estão ameaçando, perseguindo e matando pescadores, já houve denúncia na ALERJ.
- Empresários, quando vão abrir um negócio, se preocupam em saber se as milícias irão incomodá-los ou não.
- Combate às milícias no governo Sergio Cabral, com confronto entre policiais e milicianos, aumentou as mortes, mas sobretudo dentro das comunidades, não há mais tantos assassinatos nas vias urbanas como antes. Mas há muitos roubos de automóvel perto das comunidades, vandalismo generalizado, adolescentes das comunidades fazem o que querem porque não há policiamento. Quando há, é omissos ou corrupto.
- Se se bloqueia o problema num lugar, ele derrama para outro, porque o viciado não está sendo combatido. E se se acabar com o uso e o tráfico de drogas, voltam a crescer os assaltos a banco, a empresas, a residências.

- A solução não é discurso, não é projeto, é botar policial na rua para dar segurança, como manda a Constituição. Prevenir os delitos e prender quem os comete.
- Mas com os atuais salários, é impossível imaginar que os policiais, munidos de carteiras e armas poderosas, irão para a rua sem negociar. Enquanto houver “arrego”, corrupção, não haverá solução para o problema. Policial já vai para a rua com o objetivo de acharar, de fazer negócio, de ganhar dinheiro, não de dar segurança. Confiança na polícia: zero. Melhor dizer que não existe polícia na região.
- Empresários, comerciantes, não contam com ninguém para se proteger da violência. Têm de torcer para que o crime fique em paz, ou seja, negociado; que os acertos dentro do crime e entre crime e polícia funcionem, porque aí as coisas ficam mais calmas. Quando a situação está conflagrada, o crime vem para a rua. A única estratégia adotada pelos comerciantes é aproximar-se pessoalmente do delegado, do comandante do Batalhão, na esperança de obter alguma proteção ou resposta para o seu problema individual.
- Poder público pede apoio do setor privado, mas muitas vezes pede a empresários que têm atividades suspeitas, envolvimento com milícias, com dinheiro sem origem.
- Violência é um problema nacional. Maior problema específico da região é a logística, o arco rodoviário, que há 40 anos não deslancha. E o transporte de passageiros, a falta absoluta de condução. Por isso o transporte alternativo dominou, inicialmente sem milícias, eram pessoas desempregadas que viram oportunidade de ganhar dinheiro transportando gente informalmente (como existe no interior, o transporte em carroças ou caminhões, a única diferença é que aqui era em kombis). Depois as milícias enxergaram ali um filão lucrativo e tomaram as linhas, passando a dominar a atividade, sob coação. Exploração da venda de gás também cresceu apoiada pela existência de inúmeros microempresários irregulares, que começaram fazendo concorrência aos grandes depósitos, que antigamente distribuía o gás em caminhões – Ultragás, Gasbrás, concessionárias da Petrobras.
- Presença militar não inibe o crime, até porque os militares (Exército e Marinha) fazem questão de não se envolver. Mediações do 14º BPM são tranquilas, mas os quartéis das Forças Armadas pouco influem na segurança da região.
- Não parece estar havendo redução da presença militar, nem de funcionários públicos em geral. No primeiro caso, podem estar saindo alguns até por temor de assaltos, como os empresários fazem, quando deixam de morar na região para se proteger, só vêm trabalhar. Mas no caso dos funcionários civis, ao contrário, tudo indica que o número está aumentando: mais escolas foram construídas, mais tribunais especiais funcionam na região.

- Há várias associações civis na região – mas não se envolvem muito na solução dos problemas, falta-lhes ousadia, planejamento, ação. Deveriam orientar seus membros, prepará-los para cobrar, reivindicar.

<b>Bangu</b>
--------------

- Muitas comunidades carentes na área, sem presença do poder público. Favelas foram surgindo com apoio de políticos que, desejosos de angariar votos, incentivam grilagem e invasões. São currais eleitorais para populistas.
- Tudo teria começado com as remoções de favelas da Zona Sul (Vila Aliança, Vila Kennedy), na época de Carlos Lacerda e Sandra Cavalcanti, os maiores culpados pelo problema. Tudo de ruim é “despejado” na Zona Oeste, enquanto a classe média daqui, desde os anos 1980, vai para Barra e Recreio. A região “recebe o que não presta e exporta o que presta”. A área é maravilhosa, o povo é bom, as pessoas ruins vêm de fora.
- Problemas sociais identificados como favorecedores da violência:
  - Gravidez adolescente, falta de planejamento familiar
  - Educação deficiente
  - Juventude ociosa nas favelas
- Outros grandes problemas seriam o desprezo do poder público pela Zona Oeste, a falta de cultura e de formação de inteligência na região, a fragilização das instituições pela informalidade e a baixa autoestima (salvo para quem ganha muito dinheiro).
- Há uma carência seríssima de transporte coletivo. Kombis e vans clandestinas tomaram conta. A segurança informal, clandestina, também dominou a área.
- Avenida Santa Cruz, entre Campo Grande e Bangu, trecho crítico, cercado de comunidades: roubo de carros, balas perdidas em ônibus.
- Sinal de Padre Miguel e pardais na Av. Santa Cruz favorecem assaltos. Colocam-se pardais na boca das favelas, para arrecadar dinheiro, sem preocupação com a segurança. A necessidade de reduzir muito a velocidade expõe os motoristas, que podem ser assaltados ou confundidos com policiais e baleados. Engenheiros que decidem colocação de pardais não conhecem a região.
- Problema de efetivo: o 14º BPM, nos anos 80, tinha 1.800 homens, sendo 600 destinados aos presídios. Sobravam 1.200 para o patrulhamento da região. População era menor, joaninhas (fuscas) davam conta do recado, por serem mais fortes e porque as ruas eram

menos esburacadas. Hoje o BPM tem 688 homens, no total, e a população mais que dobrou.

- Terceirização da frota resolveu problema das viaturas, mas o de efetivo e de outros equipamentos policiais continua.
- Câmeras no centro do bairro ajudam, embora nem sempre funcionem.
- Há esperança de que o “choque de ordem” da atual Prefeitura chegue à região, melhore as condições das ruas, extremamente esburacadas, e urbanize as invasões.
- A violência provoca desvalorização imobiliária nas áreas próximas de favelas
- Há pouca milícia em Bangu, a maioria das comunidades ainda é dominada pelo tráfico. Mas houve tentativas de tomar a Vila Aliança.
- Vila Aliança seria a favela mais forte, a que mais influencia a criminalidade da área: roubo de automóveis e de motos, tráfico de drogas, violência, troca de tiros. Operação policial nessa favela demandaria helicóptero, vários veículos blindados e causaria muitas mortes. Até os anos 80, andava-se na Vila Aliança à noite, sem problemas; hoje isso é muito mais difícil.
- O complexo de Senador Camará é outra grande fonte de problemas. Maior complexo de favelas do Brasil, área sem controle, quando a polícia entra, morrem 10 a 20 pessoas. Tiroteios e assaltos param trens. Mas a região ainda tem infraestrutura boa, poderia ser recuperada com “choque de ordem”.
- Com a expulsão do tráfico da Cidade de Deus, os traficantes vieram para Camará e Vila Aliança.
- De Bangu a Campo Grande, praticamente só há Terceiro Comando. Traficantes expulsos da Cidade de Deus vieram para áreas de Comando Vermelho. Quando sufoca o tráfico de uma comunidade, o Estado deveria criar anteparos nas outras favelas próximas, do mesmo comando, para impedir a migração. O problema é que as intervenções têm sido pontuais, sem preocupação com as consequências para outras áreas.
- Mesmo com tráfico, há Favelas como Vila Vintém e Taquaral que são menos problemáticas. Embora também ocorram roubos de carros e motos no entorno delas, isso acontece sobretudo para “missões”, quando há confrontos entre grupos rivais. Quando a situação está estabilizada, os assaltos diminuem. Em Vila Vintém, o chefe do tráfico está preso, mas continua comandando. Faz o seu negócio e não cria problema para a comunidade. É melhor que permaneça vivo, porque pode vir outro pior, como o Thor de Vila Aliança, pessoa ruim, que faz barbaridades.

- Há até casos de ex-trafficantes que se tornam úteis, como o Samuca, que ficou preso 11 anos, virou crente, hoje faz trabalho de recuperação pela cultura: projeto “a história que eu conto”.
- Complexo de Camará deveria ser alvo da mesma política que está sendo aplicada na Cidade de Deus. Há rumores e expectativas de que isso acontecerá e de revalorização dos imóveis no entorno. Mas também há preocupação de que o “aperto” do tráfico nessas áreas acabe complicando a situação das outras favelas que hoje são mais “tranquilas”.
- Apesar de tudo, há muitos projetos bons sendo desenvolvidos em comunidades da região. Mas não há nenhum trabalho específico para reciclar os jovens que passam pela prisão e que, sem recursos, voltam para o crime. Bangu tem o maior complexo penitenciário do Rio e a maioria dos presos é da região. Governo deveria fazer trabalho com esses jovens.
- Problema de assaltos é o mais grave e o mais comentado no Conseg da região. Blitzes constantes poderiam reduzir assaltos, sobretudo roubos de veículos. Há duas portas de entrada e saída: os viadutos de Bangu e de Realengo. Assalta-se num bairro e passa-se para o outro. Mas, como as blitzes captam também muitas irregularidades dos motoristas, há pressão para que não aconteçam.
- A maioria dos assaltos ocorre na rua: roubo de veículo e a transeunte. Os assaltantes são ousados, agem mesmo onde há câmeras e nas proximidades da delegacia. Operações contra o tráfico nas favelas têm aumentado roubos no asfalto.
- Há relações entre asfalto e favelas, os moradores se conhecem. Isso favorece estratégias de comunicação direta quando há roubo de carro ou moto, mesmo se a ocorrência também é registrada na polícia. É comum pagar-se resgate a traficantes para recuperar o veículo roubado. Valor varia de mil a dois mil reais, de acordo com a marca e o modelo.
- A maioria das pessoas não registra crimes. Apesar de a delegacia ser Legal, o atendimento é demoradíssimo (o problema, segundo um participante, é da Telemar [Oi], que não aumenta a velocidade da rede). Leva-se de 2 a 4 horas para registrar um assalto, enquanto em outras áreas, como Jacarepaguá, o atendimento seria bem mais rápido.
- Um grande problema da região seria a corrupção policial. Segundo um entrevistado, o 9º e o 14º Batalhões da PM (respectivamente, Rocha Miranda e Bangu) seriam campeões de corrupção na cidade. Haveria inclusive pontos de desova de carros na Vila Kennedy, onde policiais depenariam automóveis.

- Outro entrevistado ressalta excesso de rigidez e falta de apoio como fatores que prejudicariam os policiais: estes sempre tiveram de recorrer ao bico para sobreviver, mas hoje toda segurança privada feita por policiais é tachada de “milícia” e punida.

### **Campo Grande**

- A população vem crescendo muito nos últimos 20 anos e os empreendimentos e favelas também. Há preocupação em relação às pessoas que vêm, inclusive de outros estados, para trabalhar na construção civil, em empregos braçais temporários, e depois permanecem aqui, criando comunidades sem infraestrutura, fazendo biscates etc. A maioria não é da região. Movimento da criminalidade acompanha desenvolvimento econômico.
- Ruas com iluminação precária, totalmente esburacadas, facilitam assaltos. Teme-se circular à noite no centro de Campo Grande, por isso as reuniões de empresários têm de terminar cedo.
- Além do impacto na segurança, é dramático em si mesmo o problema do trânsito, da locomoção, do calçamento, da estrutura logística. Esse seria o principal obstáculo ao desenvolvimento da região de Campo Grande e está sendo discutido com a prefeitura. O segundo seria a segurança, especialmente a questão das milícias. O fato de os líderes Jerominho e Natalino estarem presos gera mais insegurança, porque não se sabe quem vai controlar a área, o que vai acontecer daqui para a frente.
- A pressão sobre tráfico nas favelas tem aumentado os roubos no asfalto e também a segurança privada clandestina, mediante extorsão. De repente aparecem pessoas cobrando 15 ou 30 reais para prover segurança; quem se nega a pagar sofre assalto ou “terror” e passa a aceitar o serviço. A pressão desses “seguranças” se exerce tanto sobre áreas residenciais como sobre o comércio.
- Operações contra o tráfico também produzem migração de bandidos: aqueles acuados no Vidigal, na Rocinha, no Antares etc. vão para as áreas “desprevenidas”. Apesar disso, as operações do atual governo nas favelas merecem apoio, mas com a ressalva de que deveria haver ações impedindo que o estrangulamento do crime num local causasse aumento de roubos e sequestros em outros.
- Ressalta-se ainda o problema do acesso a Campo Grande pela Grota Funda, que fica totalmente deserta à noite: muitos empresários que se mudaram para a Barra estão voltando a morar na Zona Oeste, seja para evitar o trânsito e trajeto “sinistro” pela Grota Funda,

onde estão sujeitos a assaltos e sequestros, seja porque se sentem mais seguros aqui, onde são conhecidos, personalizados. Esse retorno pode melhorar a segurança da área, com a construção de condomínios e empreendimentos de alto nível, voltados para a classe média.

- Falta absoluta de policiamento ostensivo. Comércio não tem segurança e quem sai à noite não cruza com nenhuma viatura policial.
- Falta de efetivo: uma lei de 1975 previa 974 policiais para o Batalhão local (RCECS). Hoje há 670. Com 270 afastados por motivo de saúde, férias e licença, sobram 400 policiais para revezar em turnos de 12 horas; isso dá uma média de 80 policiais por turno de 12 horas para atender Campo Grande, Santíssimo, Barra, Pedra, Ilha – uma população de mais de 700 mil habitantes.
- Garotinho e Rosinha criaram novas unidades para responder a pressões, mas não aumentaram o efetivo, simplesmente deslocaram policiais de outros batalhões. O contingente que entra mal repõe as saídas. Há no estado quase 4 mil policiais em atividades não-policiais e outros 4 mil afastados por motivos de saúde. No atual governo, projetos de ocupação como os do Batan, Santa Marta e Cidade de Deus absorvem número muito alto de homens, sem necessidade técnica. Tudo é para responder à mídia, nas áreas onde estão os holofotes, sem consideração pelas consequências para o resto da cidade.
- Batalhão de CG (cavalaria) dá apoio ao policiamento de eventos em outras áreas: Aterro do Flamengo, Maracanã, árvore de Natal da Lagoa, reveillon em Copacabana, Lapa nos fins de semana, ensaio na Marquês de Sapucaí.
- Milícia da Zona Oeste está no poder há 10 anos; 90% dos homicídios são a mando de milícias, pela disputa de poder. É pior e mais difícil de combater do que o tráfico e o crime comum, porque está institucionalizado, enraizado nos órgãos públicos. Ganham-se 500 mil reais por semana só com transporte alternativo. Policial arrisca perder a carteira e a arma, mas não sai da milícia, porque nela ganha dinheiro e se impõe pelo terror.
- A maioria da população não percebe os milicianos como bandidos. Cumplicidade é favorecida pela cultura do malandro, pelo imediatismo, a exemplo da adesão ao “gatonet”. O povo em geral ainda não se deu conta de que essa “malandragem” carioca, que antes era positiva, hoje acabou. Não falta muito para as milícias entrarem no mercado da droga, o que as transformaria em organizações do tipo FARC. Por enquanto, ainda há alguma possibilidade de pensar, de agir, mas se não forem tomadas providências drásticas agora, a mudança no futuro pode ficar inviável.

- A maior parte (90%) dos policiais do BPM mora na área, o que é um problema para o combate às milícias. Seria necessário trazer policiais de outras regiões, como se fez na Itália para combater a Máfia e como às vezes a Polícia Federal faz em algumas regiões do Brasil.
- Afora as milícias, prevalecem crimes de rua (*street crimes*), que têm de ser prevenidos com policiamento a pé, de tipo comunitário, mas não há efetivo para isso.
- Câmeras de segurança nas ruas, na Avenida Brasil, ajudam a coibir crimes.
- A terceirização da frota de viaturas policiais resolveu o problema da manutenção, que era dramático, mas o do efetivo continua.
- Medo impera na região. De 10 anos para cá sempre houve violência em CG, mas nunca como agora. Inúmeros casos de assaltos e saídas de banco. O que assusta é a “qualificação” da bandidagem. Mencionou-se o caso de um funcionário “plantado” por bandidos numa empresa da região, com documentos falsos, para realizar sequestro.
- O lado bom, o diferencial de Campo Grande, é a integração do setor privado com as entidades públicas de segurança (polícias, Ministério Público, Jecrim). O fato de ser visto ainda como cidade do interior favorece essa integração. Está-se tentando montar um banco de currículos com trabalhadores das comunidades, em parceria com as associações de moradores [e com a DP?], para dar emprego e proteger as empresas.
- Poder privado (empresários organizados) deve atuar no vácuo do poder público, como um “poder paralelo” bom. Exemplo: problema da iluminação na Av. Cesário de Melo, que foi resolvido pela Associação Comercial, com rateio entre as empresas para comprar as lâmpadas. A prefeitura teria de fazer licitação e demoraria um tempo enorme. Outra contribuição poderia ser o monitoramento por câmeras, assumido pelos empresários.
- Há 10 ou 15 anos, havia muitíssimos furtos e assaltos, no centro comercial e nos ônibus, mas geralmente sem arma de fogo ou com arma de brinquedo. Hoje isso diminuiu, em quase todo lugar tem milícia [todas as casas são marcadas].
- Base de toda a violência está na educação, enquanto não se investir na escola, as estatísticas de violência não vão mudar.
- Comunidades têm medo de participar do Conseg. Grande maioria das demandas que chegam ao Conselho não é de segurança, e sim de trânsito, de problemas domésticos, solo urbano, iluminação pública.
- A grande mídia só vende os pontos negativos, é preciso ressaltar também os positivos, levantar a autoestima: porto de Sepetiba, crescimento econômico, pólos industriais.

- Falta formação técnica: a Zona Oeste tem mais cursos universitários que técnicos. O que existe, do Senac, é muito caro, não acessível à população de baixa renda. Gerdau traz empregados de fora, em transporte próprio, não emprega os da região. Problema de trânsito, devido à falta de qualificação da mão local. As empresas não geram estímulo econômico para a região, deixam legado de desemprego.

### **Campo Grande – Distrito Industrial**

- Posto policial instalado em 2002 trouxe tranquilidade para o Distrito. Antes havia desova de cadáveres e assaltos. Hoje fica sempre pelo menos um policial no posto 24 horas por dia, mesmo quando a viatura com 3 homens se desloca para atender a outras áreas. A Associação (ADEDI) é que bancou a construção do posto e mantém Nextel para comunicação das empresas com a polícia. Policiais têm também o rádio geral para acionar as viaturas.
- A parede do posto tem 1 cm de concreto. Numa ocasião, o posto foi metralhado e as balas de fuzil não penetraram. Um policial foi ferido na perna, mas estava fora do posto.
- Terceirização da manutenção resolveu o problema das viaturas, mas o resto é bancado pela Associação. O estado só gasta com a farda e o salário dos policiais.
- A área está muito sossegada, embora tenha havido recentemente roubo de um caminhão dentro do Distrito. Seguiram o caminhão, entraram no Distrito junto com o motorista, saíram, deixaram o motorista num matagal em Palmares e sumiram com o caminhão. Problema imprevisível, que pode acontecer em qualquer lugar.
- Em 2002, Garotinho assentou 250 famílias num terreno dentro do Distrito. Ninguém acreditava que seriam retiradas, mas foram removidas para o conjunto habitacional de Sepetiba.
- Presença do posto tem estimulado a vinda de empresas da Zona Norte (Bonsucesso, Inhaúma, Pilares), que sofriam problemas de segurança. Quatro ou cinco empresas vieram para o DI especificamente por esse motivo, não aguentavam mais sofrer assaltos.
- Presença da Marinha (fuzileiros navais) na vizinhança também dá sensação de segurança. Eles percorrem a área e à noite, quando há qualquer coisa “errada” (por exemplo, um casal namorando no carro), eles “chegam em cima”, “dão uma presença” e não deixam ficar ali.

- Única segurança coletiva é o posto. Empresas individualmente têm vigilantes privados, armados ou não, e algumas têm câmeras, para vigiar os próprios funcionários e também o entorno. A [AS] tem câmeras possantíssimas, que vigiam até a Avenida Brasil.
- O que preocupa não é a segurança dentro do DI, mas a violência ao redor, sobretudo assaltos.
- Campo Grande estava bastante tranquilo, mas com a pressão do atual governo sobre o tráfico de drogas, os bandidos estão indo para o asfalto roubar.
- Empresários, quando fazem sucesso, deixam de morar na região e vão para outros bairros: primeiro foi Tijuca, depois Copacabana, hoje Barra.
- Marcelo Alencar, quando prefeito, foi o grande responsável pela situação criminosa que a região passou a vivenciar. Facilitou a invasão que criou as favelas da Carobinha e do Barbante, curral eleitoral de um deputado ligado a ele.
- Mas, apesar da violência nessas duas favelas e também na Vilar Carioca, Campo Grande é um bairro tranquilo, onde se pode sair à noite e aos domingos sem problema.
- Milícias exploram gás, transporte, gatonet: Natalino, Jerominho e Batman são os líderes. Diz-se que o delegado Marcos Neves, que combateu esse grupo, é aliado do Chico Bala, chefe de outra milícia. A maioria das pessoas, mesmo de classe média, tem gatonet.
- Se não tivessem ficado tão ávidas de ganhos, as milícias seriam ótimas: expulsam a “bandidagem”, o tráfico de drogas, e dão segurança. O problema foi terem “crescido o olho” em muitas atividades lucrativas ilegais. Aí pressionam os moradores a pagar e os moradores saem assaltando. Expulsam os bandidos, impedem que eles vendam seu “pozinho” na favela, e eles vêm roubar no asfalto. Num primeiro momento, são úteis, mas depois começam os problemas.
- A grande responsável pela disseminação de tudo isso foi a Denise Frossard, que perseguiu o jogo do bicho. Apesar dos problemas, os bicheiros patrocinavam os clubes de futebol e as escolas de samba da região, não deixavam que o tráfico entrasse, consideravam-se figuras importantes da sociedade e por isso evitavam se envolver em atividades “inadequadas”. Matavam mas não deixavam essas coisas acontecerem. Com a prisão dos bicheiros, abriu-se a porta para o pessoal “de baixo”, a bandidagem do tráfico, ascender e ocupar esse espaço. Além disso, os clubes de futebol (Bangu, Campo Grande) foram rebaixados e a escola de Padre Miguel há 18 anos não chega aos cinco primeiros lugares.

- Outro problema é a corrupção policial, o envolvimento da polícia com o crime e a prostituição infantil.
- Também falta efetivo: o Batalhão já teve 1.200 homens, hoje não chegam a 800, sendo cerca de 500 ativos, para uma área gigantesca.
- Nos órgãos públicos, sobretudo na Polícia Civil, o problema são as pessoas que vêm de fora para ocupar os cargos, e não conhecem, não entendem nada da região. Às vezes se associam a quem não serve e subestimam quem poderia ajudar. Na polícia civil isso acontece muito.

### **Santa Cruz – Distrito Industrial**

- A Associação (AEDIN) reúne 16 empresas, 14 estão dentro do Distrito e duas fora (Valesul e Michelin). Cerca de 7 mil empregados, sem contar os que estão trabalhando na obra da Thyssen (25 mil crachás). Quando acabar a obra, devem empregar 3.500 pessoas. A maioria das empresas do DI é antiga.
- Maior preocupação é com o que vai acontecer quando acabar a obra da CSA: para onde vão os mais de 20 mil operários. Possibilidade de surgirem novas favelas, mais violência. Na frente da Thyssen, na reta, na João XXIII, já se criou um aglomerado novo de casas, perto dos trilhos. Invasão na frente da Valesul cresceu num ritmo vertiginoso.
- A maioria dos trabalhadores (70%) mora na Zona Oeste, mas o pessoal administrativo geralmente mora na Zona Sul ou Barra. Maior problema é transporte. Não há transporte nem para quem mora na Zona Oeste, as empresas têm de bancar. Há muito tempo fala-se em reativar a linha de trem que margeia do DI, mas nada acontece. Há invasões ao longo da linha.
- Região está no “contrafluxo”: quem mora aqui vai trabalhar no centro e quem trabalha aqui vem de outras áreas. Problema maior é de transporte. Quem ganha mais quer morar na Zona Sul e na Barra ou Recreio, porque lá existe uma estrutura para a classe média que não há aqui. Teria de haver um movimento forte para as pessoas de renda mais alta virem morar aqui, não só trabalhar. Mas imagem da área como muito violenta desestimula isso.
- As empresas gastam muito com transporte. A Cosigua tem 35 ônibus, com mais de 70 linhas, que rodam 24 horas. A Casa da Moeda tem 100, a Thyssen vai ter mais uns 70. Hoje, para a obra, os empreiteiros também têm de trazer os operários em ônibus (de

qualidade duvidosa), senão eles não chegam. Os ônibus que há passam pela João XXIII, não vêm até o Distrito.

- Salários para pessoal administrativo, engenheiros etc. têm de ser mais altos também por causa da distância, do tempo de deslocamento, outro fator de elevação do custo das empresas, além de bancarem o transporte. Problemas da região reduzem oferta desse tipo de profissionais.
- Cosigua estimula funcionários mais qualificados a virem de ônibus, não de carro, para minimizar risco de assaltos. Mas na sexta-feira o estacionamento fica cheio, porque todos querem vir de carro para dar suas “esticadas” depois do trabalho.
- Problema também dos caminhões e das blitzes policiais para extorquir dinheiro ou falsas blitzes. Baixa credibilidade e confiabilidade da polícia.
- Milícias: Cosigua implantou prato popular nas proximidades: projeto gaúcho de oferta de refeição a um real para empregados cadastrados com renda familiar per capita até ½ salário mínimo. Foi firmado convênio com a prefeitura, que forneceu a área para o restaurante; o cadastramento foi feito pelo SESI. A Gerdau implantou isso em todo o país sem problemas, mas, em Santa Cruz, houve assédio das milícias, que queriam cobrar pedágio. Obra foi paralisada por 6 meses, até que Associação de Moradores local interveio junto aos milicianos para que a obra prosseguisse. [o restaurante foi inaugurado em 10/11/2005 na Escola Municipal Ciep Papa João XXIII (Avenida João XXIII, 38), em Santa Cruz].
- Esta é uma área de milícias. A Thyssen também está tendo problemas e o SESI, no caminho para Paciência sofreu invasão. Muitos trabalhadores da área moram em comunidades com milícias, têm gatonet.
- Não há mecanismos coletivos de segurança para o DI. Cada empresa tem o seu e a Casa da Moeda mantém um verdadeiro “exército” de vigilantes. Os responsáveis, os chefes de segurança das empresas, se comunicam informalmente entre eles, quando há necessidade.
- A Aedin criou um grupo de trabalho para reunir representantes de cada empresa do Distrito e representantes da PM e dos Bombeiros. Quer trazer também a secretaria municipal ou estadual de segurança. Chama-se PAM – Programa de Apoio Mútuo, e atualmente se ocupa mais com problemas de incêndios e acidentes do que com a criminalidade.
- A iniciativa não está avançando muito por diversas dificuldades, mas a idéia é levantar os problemas, as vulnerabilidades da região (por exemplo, o que pode acontecer quando

terminar a obra da Thyssen), e a partir disso fazer propostas para o governo. Entre os empresários do Distrito, não há participação no Conselho de Segurança da AISP, nem conhecimento sobre o que seja.

- Empresas também buscam minimizar problemas com a implantação de muitos projetos sociais nas comunidades ao redor, onde mora parte dos seus funcionários. Isso dá visibilidade e protege as empresas.
- Nunca houve assaltos com arma no interior do Distrito. O que há são pequenos furtos, pessoal das comunidades em volta que invade e leva bicicletas, rolamentos etc., mas sem agressão. A área é muito grande, acontece de invadirem e jogarem o objeto furtado por cima do muro. É o que mais se ouve em relação à criminalidade. Seguranças quando pegam os ladrões, levam para a delegacia. Quem trabalha não tem muito risco porque entra e sai de ônibus. Mas houve caso de assalto a ônibus fora do Distrito, na subida da Grotta Funda.
- Há uma ronda do 27º BPM no Distrito, mas é precária, não percorre todas as empresas com a frequência que seria desejável. Há um posto policial próximo, mas não só para o Distrito. Policiais agem quando solicitados e pressionados; do contrário, fazem corpo mole, alegando precariedades.
- Investimentos em educação e saúde seriam fundamentais para melhorar a situação da segurança. Quando alguém da empresa tem algum problema de saúde, é levado para a Clínica São Vicente, na Gávea.

## 2. Frases em destaque

- Quem é que mora longe? Eu em Campo Grande ou o meu amigo lá em Copacabana? Qual é o ponto de referência? Não necessariamente a Zona Sul, não é?
- Bangu sofre esse estigma dos presídios. Eu muitas vezes vou a reunião, o pessoal pergunta como vai Bangu I, Bangu II, o cara que não conhece pensa que a gente mora ao lado do presídio. Então nós sofremos a mesma coisa que os habitantes de Cingapura... A gente não gosta disso não.
- As milícias começaram a surgir, dependiam primeiro do poder público. Agora, viram que a criatura que eles criaram é infernal.
- A questão milícia/polícia está muito uma dentro da outra, você não sabe quem é quem.
- Combater a milícia é mais difícil do que combater o crime comum, porque o crime comum, ele não está socializado, digamos assim. O miliciano, ele está institucionalizado, ele está dentro dos órgãos públicos.

- O informal dominou. Aí o informal é o amigo do amigo e tal, e que, vamos dizer assim, felizmente, ou infelizmente, o cara que está ali no informal, fazendo a segurança aqui em Bangu, conhece todo mundo dentro da favela e já avisa: “Ó, não vem pra cá, porque senão vai ter problema”.
- Se [o estado] conseguir fazer no Complexo de Camará o que fez ali na Cidade de Deus, isso aqui vira uma terra abençoada.
- Como é que nasceu a Vila Kennedy, essas favelas todas? Tiraram o pessoal lá debaixo e trouxeram tudo pra cá. Por isso chama “a la Bangu”, que a gente odeia aqui, mas talvez venha daí, né? Eu não sei, mas vem lá do passado, né? Por que “a la Bangu”? Porque tudo eles jogam pra cá....
- A Polícia Militar, primeiro ela prende para depois investigar, primeiro ela prende o policial, depois ela vai saber se o policial está certo ou está errado. A Polícia Civil já é diferente: primeiro investiga, depois prende
- Daquele viaduto ali, da Rodrigues Alves pra cá, da boca do Túnel Rebouças pra cá, do Santa Bárbara pra cá, eles só vêm aqui pra prometer, ganhar os votos.
- O Sérgio Cabral e o Eduardo Paes trabalham com os efeitos, certo? Tornam o morro de Santa Marta uma ilha de paz. E o resto da cidade?
- As universidades não formam inteligências para trabalhar a favor da região. Quando o menino se forma e se destaca, sabe o que é que ele faz? Ele pula lá pra área da Zona Sul, ele não fica aqui. Então, eu acho que é um outro fator: a formação de inteligência da região. (...) A inteligência da cidade, que transparece, que reverbera, é a inteligência da República de Ipanema, Leblon, Gávea.
- É a falta do poder público na Zona Oeste, é a falta da cultura, a falta da autoestima da Zona Oeste. Por que autoestima? Porque é necessária a autoestima. Um menino nosso aqui, se ele quiser se empregar bem, sabe o que é que faz? Ele vai lá, na Zona Sul, tomar emprestado um endereço, porque se ele der o endereço daqui, ele não é aceito. “Não, ele mora na Zona Oeste, sei lá com quem ele tem contato lá, com os marginais”. “Ah, ele vai ser mais caro porque tem que pegar duas ou três conduções”.
- Chegou a um ponto, aqui em Campo Grande, que nós estamos vivendo como se fosse uma Chicago dos anos 30: gangsters, tiros de metralhadora...
- Nos últimos 10 anos, a taxa de homicídio que a senhora tem aí pode atribuir à milícia porque, realmente, essas mortes violentas, 90% delas são a pedido da milícia por disputa de poder.
- Quando as milícias entrarem no mercado da droga, vão se transformar nas FARC. Por enquanto, eles têm fontes de renda menos perigosas, digamos assim, do que o tráfico, que é muito mais... tem menor esforço, seria a palavra. Para aumentar o ganho, potencializar o lucro, o próximo passo seria vender drogas.
- De repente, aparecem pessoas querendo oferecer segurança particular. Então esse “segurança” – entre aspas – certamente, vai ameaçá-lo, vai provocar um assalto na casa dele, pra tocar o terror, e a partir daí ele começa a colaborar com a taxa que ele bem definir.

Ele começa, pede aqui, pede ali, aquele que não colaborar, vão jogar uma bomba ali, vão arrebentar, vão cortar fio.

- A única coisa que funciona neste país é o poder privado (...) Eu enxergo que a única maneira de atenuar, de algum modo, essa crise - que seguramente não é só aqui, são problemas de toda a cidade, talvez seja um problema mundial até, mas talvez um pouco mais grave aqui, uma vez que o número de homicídios é maior do que muitos países em conflito no Oriente Médio – então, eu entendo que a única maneira é realmente um poder paralelo, mas um poder paralelo bom, a sociedade civil organizada por meio de empresários. (...) Infelizmente, se ficarmos esperando o poder público fazer alguma coisa, nós sabemos que isso não vai acontecer. Então, é isso que eu falo de um poder paralelo bom, é se organizar pra fazer coisas para o bem comum. Não é pra ter controle de nada, não é pra ter benefícios exclusivos com nada. É realmente se organizar para apoiar o poder público, que realmente encontra-se neste momento de cadeiras de rodas, pra não dizer parálítico, no chão, sem a cadeira de rodas.
- O empresário saiu daqui pra Barra, mas, por uma questão de raízes, de amigos..., porque eu acho que o ser humano, principalmente o brasileiro, ele gosta de ser personalizado. Eu adoro Campo Grande porque, como na minha cidade do interior, tem muito: “Ô, Zé, como é que é? Como é que está?”; isso aí me dá uma satisfação tão grande, que é diferente, em Copacabana não conheço meu vizinho. Então, isso prende. E os empresários voltam com essa somatória da personalização, e também porque a Barra ficou muito violenta, o caminho pra Barra, por Grota Funda, sinistro...
- Boa parte dos nossos empresários, quando começam a se tornar vitoriosos, descobrem que o grande bairro é Tijuca. Foi assim na geração dos meus avós. Depois, na geração dos meus pais, foi Copacabana. E na geração atual é a Barra. Mas todos eles na hora de enterrar querem vir pra cá. Melhor teria sido que daqui não saíssem. Até porque a gente percebe que, quando retornam pra ser enterrados, às vezes falta gente até pra segurar a alça do caixão.
- Eu sou muito favorável a uma doutrina Monroe para uma região como a nossa. Porque se você coloca na direção de qualquer posto uma pessoa que não seja da área, até que ela se acostume a saber o que está se passando, o tempo já passou. E esse é o fenômeno que se dá em quase todos os setores. Quando o governo do estado interfere, traz alguém do lado de fora. É um ilustre desconhecido. Às vezes associa-se a quem não serve e subestima quem poderia auxiliar. Percebe-se muito isso na polícia. Porque tem aqueles caras que gostam, em qualquer circunstância, pra tirar vantagem. E eles, coitados, até por inocência ou falta de experiência acabam por aceitar, isso acontece muito para prejuízo das próprias instituições. A polícia tem esse problema, a civil principalmente.
- Tem uma preocupação com isso: o que vai acontecer? Vai criar algum tipo de problema quando a Thyssen começar a operar, porque são 25 mil crachás. Nem todo mundo vai embora, nem todo mundo consegue ocupação. Aqui na frente da Thyssen, na reta, na João XXIII, ali se criou um absurdo, o que tem de moradia nova ali perto dos trilhos é muito complicado... Gente, março do ano que vem saem 20 mil pessoas desse troço aqui! É isso. Pra onde esses caras vão? Alguém vai ficar aqui. Vão ficar onde? Uns vão ficar trabalhando... e os outros?
- O pessoal que ganha mais, normalmente é assim. Onde o cara quer morar? Barra, Ipanema, no Recreio. Por quê? Porque lá tem toda uma estrutura já para a classe média, coisa que aqui

não tem, a verdade é essa. Então, esse movimento teria que ser forte nesse sentido, para as pessoas virem morar aqui, e não somente trabalhar aqui.

- Eu prefiro dizer que nós não temos polícia. Quando é para pegar um trabalhador, ih, eles são ativos, competentíssimos, mas falou que é para combater o crime, eles estão fora.
- O que falta é ação, o Estado cumprir a Constituição e oferecer segurança à população. Colocar a polícia na rua para evitar os crimes e punir os criminosos quando eles agirem.
- Eu já ouvi os comandantes, vários, em suas épocas, dizerem: nós não temos condição de fazer esse policiamento, porque nossos cavalos estão prestando serviço no Parque do Flamengo, no Maracanã, na Quinta da Boa Vista, quer dizer, eles estão atendendo às prioridades da cidade, às prioridades sociais, e a gente aqui fica sem policiamento.
- Nossa realidade é o micro e o pequeno [empresário], e eles são muitos. A gente deveria ter acesso a eles. Eles se escondem, a gente procura, eles não querem falar de nada, não querem fazer projeto, se aumentam um plano empresarial não falam para ninguém, se fecham a empresa também não. Eles não falam nada porque eles têm medo de violência.
- O tempo é solução para tudo, dizem, né? Porque se você não resolver os teus problemas, você morreu e o tempo foi que resolveu. Ou não.